

#poesianapuc

#poesian

#poesianapuc

#poesianapuc



POEMA DA MÁQUINA

#poesianapuc
v. 4



educ
Editora da PUC-SP

#poesianapuc
v. 4



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Reitora: Maria Amalia Pie Abib Andery

educ

EDITORA DA PUC-SP

Direção

Thiago Pacheco Ferreira

Conselho Editorial

Maria Amalia Pie Abib Andery (*Presidente*)

Carla Teresa Martins Romar

Ivo Assad Ibri

José Agnaldo Gomes

José Rodolpho Perazzolo

Lucia Maria Machado Bógus

Maria Elizabeth B. T. Morato Pinto de Almeida

Rosa Maria Marques

Saddo Ag Almouloud

Thiago Pacheco Ferreira (*Diretor da Educ*)

#poesianapuc

v. 4



educ
Editora da PUC-SP

São Paulo, 2023

#poesianapuc, v. 4 - São Paulo: EDUC, 2023.

Reunião de poemas postados no site www.poesianapuc1.websiteseguro.com, em 2021 e 2022.

ISBN 978-85-283-0716-0

1. Poesia brasileira. I. Título

CDD 869.915

Bibliotecária: Carmen Prates Valls - CRB 8a. / 556



Direção

Thiago Pacheco Ferreira

Produção Editorial

Sonia Montone

Editoração Eletrônica

Waldir Alves

Gabriel Moraes

Capa

Equipe Educ

Administração e Vendas

Ronaldo Decicino

A revisão e a edição dos poemas são de responsabilidade de seus autores-poetas.

Rua Monte Alegre, 984 – Sala S16
CEP 05014-901 • São Paulo • SP
Tel./Fax: (11) 3670-8085 e 3670-8558
www.pucsp.br/educ • educ@pucsp.br

APRESENTAÇÃO

O #poesianapuc surge em 2018, como parte do 2º Festival da Cultura da PUC-SP. A ideia era trazer para dentro dos *campi* da Universidade um pouco mais de poesia! Desde então alunos(as) professores(as), funcionários(as) e amigos(as) da comunidade puquiana foram convidados a postar seus poemas autorais nas redes sociais com a hashtag #poesianapuc. Depois de recolhidos por uma equipe organizadora da Educ – Editora da PUC-SP, os poemas eram expostos em varais por nossos corredores e rampas. Reunidos, ao final dos eventos, eram publicados em versão e-book gratuita, e uma seleta era publicada na versão impressa, homenageando os(as) poetas descobertos em meio à intensa rotina acadêmica.

Em 2020, surpreendidos pela pandemia da covid-19 que trouxe a dura vivência do isolamento social, impossibilitando a circulação pelos *campi* e o encontro com os poemas pendurados nos varais nos eventos culturais, é criada uma nova versão do varal, totalmente virtual. Dessa forma, nesses tempos de resistência e persistência, em que era necessário fazer frente à incúria governamental – re-existir e resistir –, não se perdeu a sensibilidade poética: pelo contrário, ela nos motivou a avançar e seguir em frente.

Assim, nos anos da pandemia, o #poesianapuc permaneceu ativo na versão virtual. Os poemas ficaram expostos em “varais virtuais”, abertos a todos e com a possibilidade de curtidas e comentários. Também aconteceram diversos saraus virtuais, nos quais os poetas declamaram seus poemas, mesmo à distância. Longe fisicamente, mas unidos sempre pela poesia!

Muitos saraus depois, chega-se ao quarto volume do #poesianapuc, em versão digital e gratuita, à disposição da comunidade acadêmica e de todos que apreciam essa linguagem artística.

Com curadoria e organização da nossa Educ, protagonista dessa iniciativa, esta edição coroa um ciclo percorrido por um time

comprometido com essa linguagem rara que conecta mundos, elabora os desvãos da subjetividade e da experiência vital, e a oferta a todos os que queiram apreciá-la.

Com apoio da Pró-Reitoria de Cultura e Relações Comunitárias, inicialmente como uma atividade do Festival da Cultura realizado anualmente, o #poesianapuc reinventou-se na pandemia. E “No ReencontroPUC2022”, sob a vigência de protocolos do distanciamento social, nos *campi* Monte Alegre e Marquês de Paranaguá, voltaram os varais e os saraus de poesia.

Apresentar esta edição significa recordar quem idealizou a iniciativa e a levou adiante! Na origem, a Educ, então sob a coordenação de José Luiz Goldfarb, com o professor e poeta Marcelo Grágliá desenharam o projeto, atuando também na curadoria das publicações e dos eventos, tendo a Sonia Montone e a equipe da Educ como parceiras de todas as horas e desdobramentos. Mais adiante, a nova gestão, conduzida por Thiago Pacheco Ferreira, deu seu apoio e seu seguimento ao projeto, enfrentando as dificuldades da pandemia.

Esta edição é, para mim, a celebração das tantas possibilidades que a Universidade proporciona, é trazer ao mais alto plano a certeza de que os convites feitos às pessoas congregam, estimulam, sobretudo quando feitos com escuta, prazer, compromisso e sensibilidade! Parabéns a todas, todos e todes que, de alguma forma, participaram!

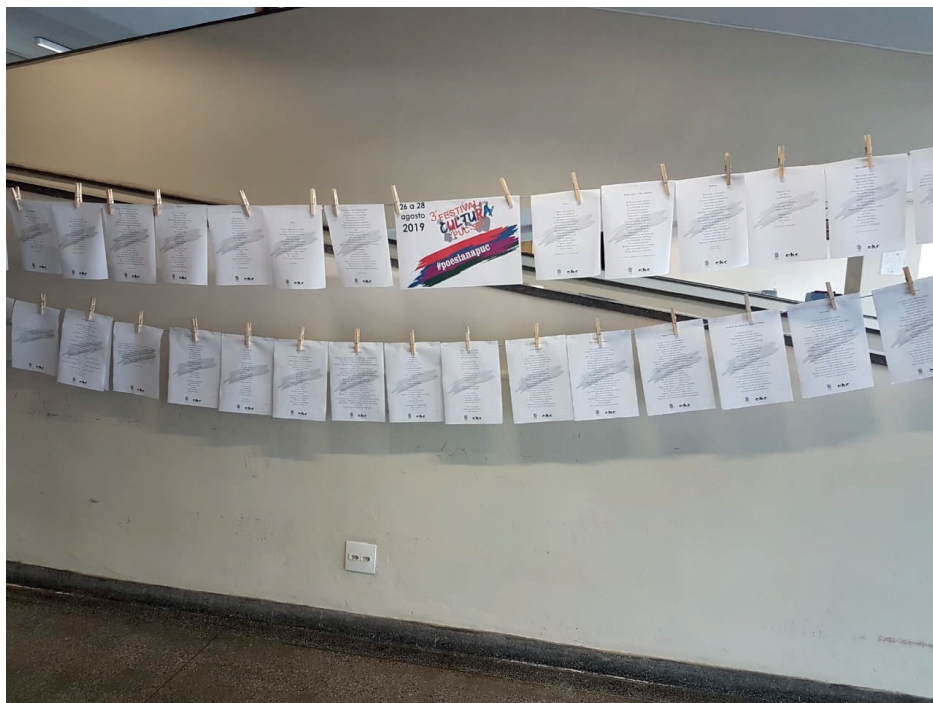
Boa leitura!

Prof. Dr. Pedro Aguerre

Assistente Especializado da Pró-Reitoria de Cultura
e Relações Comunitárias da PUC-SP

#POESIANAPUC 2021/2022

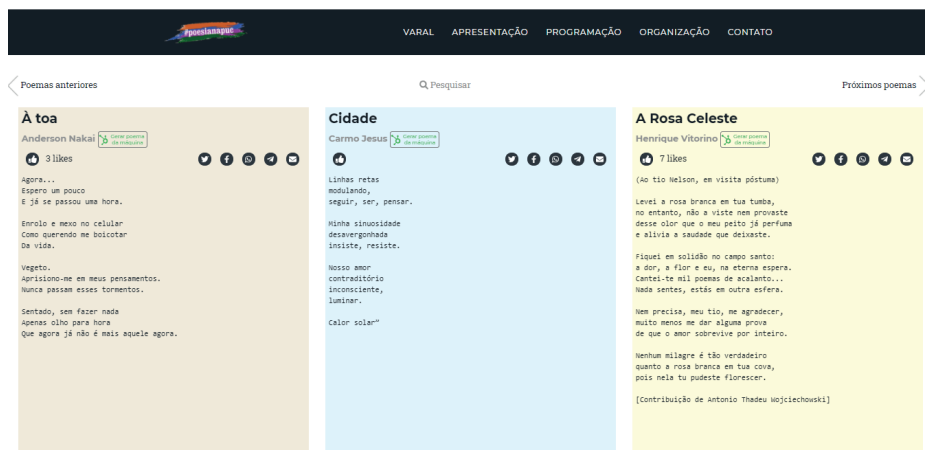
Promover um “varal de poesias” no *campus* Monte Alegre foi uma iniciativa de grande sucesso da Educ – Editora da PUC-SP, iniciada em 2018. Observar alunos, funcionários e professores descendo as rampas do “prédio novo” e apreciando atenta e demoradamente os poemas pendurados no varal foi uma experiência muito prazerosa que atesta o interesse pela palavra, pela arte, dentro dos espaços de nossa Universidade.



Poemas do varal nas rampas do campus Monte Alegre.

Mas 2020 trouxe o isolamento social para combatermos a covid-19, e nosso tradicional varal se tornou absolutamente inviável. O que fazer? Seguindo o movimento geral de transferência das atividades da PUC-SP para o ambiente digital, surgiu nosso varal

virtual, abrindo uma nova experiência na Educ. O varal manteve o interesse da comunidade puquiiana, mas estendeu a ação para amigos da PUC, que também passaram a participar da ação. E, assim, tivemos a primeira versão do varal virtual em 2020/2021.



Poemas do varal virtual de 2021/2022.

Seguimos com o novo varal virtual para os anos de 2021/2022, cujos resultados temos a alegria de aqui apresentar.

Novamente, encontramos uma riqueza de estilos e temáticas com que a liberdade da criação poética sempre nos presenteia. E não podemos deixar de mencionar que este varal pôde, no início de 2022, participar dos eventos da retomada do mundo presencial, com saraus ao vivo e em cores nos *campi* Marquês de Paranaguá e Monte Alegre da PUC-SP. Foi um momento de grande emoção, permitindo que a poesia voltasse a invadir o espaço da Universidade em sua plenitude (incluindo declamação de Haroldo de Campos, *Galáxias*, por Sylvia Lohn: https://youtu.be/kf_siXWuvEs).



Sylvia Lohn, declamando o trechos de *Galáxias*, de Haroldo de Campos.

Foram momentos difíceis em que buscamos novas formas para manter o nosso #poesianapuc vivo e atuante. Espero que se deliciem com os resultados. Viva a Poesia!

José Luiz Goldfarb
Curador do #poesianapuc
Ex-Diretor da Educ (de 2017 a fev. de 2021)
Professor de História da Ciência da PUC-SP
Coordenador da Cátedra de Cultura Judaica da PUC-SP

SUMÁRIO AUTOR

Alana Andreia Pereira	15
Alana Andreia Pereira	16
Alana Andreia Pereira	17
Alessandra Schmidt Gonzalez	18
Alessandra Schmidt Gonzalez	19
Ana Carolina Fávero de Oliveira	20
Ana Carolina Fávero de Oliveira	21
Ana Carolina Sancho Alves	22
André Vaz de Campos Moreira Tourinho	24
André Vaz de Campos Moreira Tourinho	25
André Vaz de Campos Moreira Tourinho	26
André Vaz de Campos Moreira Tourinho	27
Andréa Garcia Romani	28
Andréa Garcia Romani	29
Andréa Garcia Romani	30
Andréa Garcia Romani	31
Angelina G.	32
Ariane Freire de Sá	33
Beatriz Badim de Campos	35
Beatriz DI Giorgi	37
Beatriz DI Giorgi	38
Benito Campos	39
Benito Campos	41
Carolina Aguerre de Salles Penteado	42
Carolina Aguerre de Salles Penteado	43
Carolina Aguerre de Salles Penteado	44
Carolina Aguerre de Salles Penteado	45
Carolina Rieger Massetti Schiavon	46
Carolina Rieger Massetti Schiavon	47
Carolina Rieger Massetti Schiavon	48
Cris Roots	49
Dalva Mariano de Oliveira	50
Deborah Brum	51
Deborah Brum	52

Deborah Brum	53
Desirée Garção Puosso	54
Desirée Garção Puosso	55
Desirée Garção Puosso	57
Edelson Titosse	58
Elieni Cristina da Silva Amorelli Caputo	59
Elieni Cristina da Silva Amorelli Caputo	60
Elieni Cristina da Silva Amorelli Caputo	61
Elisa Montone	62
Fábio Junqueira	63
Fábio Junqueira	64
Geilson Sampaio	65
Giulia Crescenzi	66
Giulia Crescenzi de Freitas	68
Giulia Crescenzi de Freitas	69
Giulia Crescenzi de Freitas	70
Giulia Crescenzi de Freitas	71
Hélder Samuel Ngulele	72
Hélder Samuel Ngulele	73
Hélder Samuel Ngulele	75
Hélder Samuel Ngulele	76
Helena Andrade Santos	78
Henrique Vitorino Moura Valle	79
Henrique Vitorino Moura Valle	80
Henrique Vitorino Moura Valle	81
Henrique Vitorino Moura Valle	82
Ita Liberman	83
Ita Liberman	84
Ita Liberman	86
Ita Liberman	87
Izabella Antonia de Oliveira Alves	88
Janaina Miranda	89
Jean Azevedo Duarte	90
Jhennifer Aparecida Cândido de Sá Teles	91
Jorge Samuel	92
Jose Cicero da Silva Souza	94
Jose Cicero da Silva Souza	95
Jose Cicero da Silva Souza	97

Jose Cicero da Silva Souza	98
Juliana Cavalheiro	100
Ketlyn de Almeida Pinheiro	101
Lana Gabrielly Rodrigues Sampaio	102
Lana Gabrielly Rodrigues Sampaio	103
Lana Gabrielly Rodrigues Sampaio	104
Lana Gabrielly Rodrigues Sampaio	105
Luciane Peixinho de Souza	106
Luciane Peixinho de Souza	107
Luciane Peixinho de Souza	108
Luciane Peixinho de Souza	109
Lucivaine Galan Saraiva	110
Luiz D Salles	111
Luiza Malicia Guerreiro de Mendonça	112
Luiza Malicia Guerreiro de Mendonça	113
Luiza Malicia Guerreiro de Mendonça	114
Luiza Malicia Guerreiro de Mendonça	115
Magna Regina Dantas	116
Magna Regina Dantas	117
Maicon Melito de Souza	118
Maicon Melito de Souza	119
Maicon Melito de Souza	120
Maicon Melito de Souza	121
Manoel Fernandes Sobrinho	122
Manoel Fernandes Sobrinho	123
Manoel Fernandes Sobrinho	124
Marcelo Graglia	125
Marcelo Graglia	126
Marcelo Graglia	127
Marcelo Graglia	128
Maria Assunção Montañés Jovellar	129
Maria Fernanda Varize Malvestiti	130
Maria Lucivânia Alves Maia	131
Mariana Sato dos Reis	132
Mariana Sato dos Reis	133
Mariana Sato dos Reis	134
Marilei Cassemiro Pereira Santos	135
Melo Domingos Munguambe	136

Melo Domingos Munguambe	137
Melo Domingos Munguambe	138
Melo Domingos Munguambe	140
Melo Domingos Munguambe	141
Neide Ponzoni	143
Neide Ponzoni	144
Neide Ponzoni	145
Norlêncio Afonso Novela	146
Norlêncio Afonso Novela	148
Norlêncio Afonso Novela	150
Olivia Feitosa Aguerre	152
Olivia Feitosa Aguerre	154
Patrick Allan José Zapata	155
Patrick Allan José Zapata	156
Patrick Allan José Zapata	157
Patrick Allan José Zapata	158
Paulo Sergio Da Silva	159
Pedro Aguerre	160
Raiza Barros de Figuerêdo	161
Richard Joaquim Filho	162
Rita de Cassia Mesquita Taliba	164
Rita de Cassia Mesquita Taliba	165
Rita de Cassia Mesquita Taliba	166
Sidnei Olivio	167
Sidnei Olivio	168
Sonia Salim	170
Sonia Salim	171
Sonia Salim	172
Sonia Salim	173
Thales do Nascimento Cirico	174
Wellington Decot calcagno	175
Wellington Decot calcagno	177

A MULHER DEMAIS

Dizem que sou crítica demais,
Incisiva demais,
Radical demais,
Dizem que sou sincera demais,
Capaz demais ou incapaz demais,
Dizem que a lâmpada importa para a existência dos
vagalumes e que minhas verdades só apagam suas luzes,
Dizem que importa proteger, que importa
garantir, que importa dirimir.
Importa dirimir e importa proteger quando
não se é o ser na condição de não ser,
Importa salvar, importa afagar,
O que importa é se sentir afagar no mais íntimo
e obscuro sentimento de ser um bom ser.
Quantos Rodolfos, Madames George e padres Laporte ainda
teremos de ver recriados pelos Eugene Sue até que o todes
da classe trabalhadora se reconheça, se fortaleça e se levante
em unidade nacional, internacional e anticolonial?
Minha crítica lhes ofende, minhas verdades lhes machucam, minhas
dores lhes consolam, minhas alegrias lhes consomem. Foda-se!
Se não podes compreender a minha luta, se não te dispões a
combater as sociedades de classes, não fale em meu nome.

Alana Andreia Pereira

AOS HOMENS DA MINHA VIDA

Desculpe por ser eu?
Desculpe por não ser perfeita.
Desculpe por não querer apenas sexo.
Desculpe por gostar de sexo.
Desculpe por não ser somente um corpo, ou,
por meu corpo não pertencer a mulher submissa que você deseja.

Desculpe por minha essência não corresponder às suas expectativas.
Desculpe se falo demais.
Desculpe se por vezes sou tímida
Desculpe se sou curiosa e se gosto de ser desejada.
Desculpe se minha dança é sensual e se essa
minha imagem perturba seus sonhos
Desculpe por não atender o telefone às 2:49 horas da
madrugada só para te ouvir falar do seu desejo por mim.
Desculpe se gozo e,
por saber que meu gozo depende apenas de mim.
Desculpe se moro sozinha e se sou feliz assim.
Desculpe se tenho carro e não preciso que venha me buscar e,
se ainda assim por vezes queria ser apenas carona.
Desculpe se abrir a porta e pagar a conta
não é algo que impressione,
ou que me deixe confortável.
Desculpe?
Desculpe por ser sincera demais e te assustar?
Desculpe por te assustar com a minha irreverência?
Desculpe por ter personalidade?
Desculpe por te intimidar?
Desculpe por não me preocupar em chamar sua atenção?
Desculpe por te fazer perder a paciência?
Desculpe, mas a fila andou.

Alana Andreia Pereira

CONTRADIÇÃO, ILUMINISMO E SUSPENSÃO.

No imediato te encanta, mas a essência te tira o ar.
No primeiro momento balzaquiana,
No segundo momento a filha renegada do iluminismo,
No terceiro momento ainda embebida de contradição,
mas ainda muito revolucionária.
Encanta e desencanta,
Ao desencantar se encanta,
se encanta consigo mesma.
Desagrada alguns e a outros encanta.
Se toca e goza,
Se abraça,
Se acolhe,
E escolhe se mostrar como é.

Alana Andreia Pereira

SEMEADOR

Professor, mestre, questionador
Aquele que em seu caminhar leva consigo a
arte de transmitir conhecimento
Que se doa, se reinventa
Recria, refaz, faz e desfaz
Profeta das palavra, das letras das tramas, dos versos, dos
números, das ciências exatas, das ciências humanas
Que caminha por vários universos
Aquele que acredita nos sujeitos
Que sabe ensinar de vários modos
Que não desiste, que ao longo da história persiste
Aquele que insiste
Que compartilha e ao desvendar os mistérios
dos saberes, também aprende
Aquele que escolheu acolher o saber dentro da sua alma
E ao transformar o mundo do sujeito, também transforma o seu
E transborda ao desaguar,
porque sabe que ao ensinar também aprende.
Aquele que ultrapassa todas as barreiras, e ao dividir os saberes
multiplica e faz valer o significado do verbo compartilhar
Inspira, transforma, forma os cidadãos
Herói anônimo que tem como missão
promover a melhoria da humanidade
Professor enxerga além de si
Semeador, planta, cultiva,
nutre dia a pós dia o presente e tem seu
legado reverberado no do no futuro.

Alessandra Schmidt Gonzalez

FLUIDEZ

Entre tramas e fios os versos verteram no meu rio
Fluidez
Chorar um rio de lágrimas para desaguar na alegria...
A vida é uma grande correnteza de águas ocilantes...
Nem sempre o rio nos leva em direção aos nossos desejos...
Mas certamente nos ensina no caminho percorrido
e escolhido por ele a plenitude de se renovar!
Flui rio e me mostre sua grandeza
Flui rio nessa vida de incerteza
Flui rio e me mostra a beleza
Flui rio com suas águas turbulentas
Flui rio... Flui...
E através de tuas águas demonstra sua potência
Flui rio dos meus olhos e transluz a luz que flui a vida
Flui rio, flui, flui....

Alessandra Schmidt Gonzalez

SILÊNCIO ABSOLUTO

No mais tardar
das noites de dentro
É quando vem encobrendo
de sono e de vento
Milhas de sonhos
Refúgio aqui

Mas junto, vem ele
sombrio, abrangente
Evoca no ser
o que pouco se sabe
sobre a gente

Muito do que se vê
e do que se faz
Melancolia
Ela, aqui jaz

De trás para frente
Sei perceber
Quando sublima a dor
Resta só amanhecer

Ana Carolina Fávero de Oliveira

Daquilo que restou
Refiz o que pouco
havia de mim

Para o bem
ou para o mal
Agora eu vejo
tudo igual
Menos o resquício
de gente
guardado e lembrado
para o instante que nunca chega

Ana Carolina Fávero de Oliveira

EU PRECISO URGENTEMENTE RESPIRAR

Sou um céu cinzento em um campo de margaridas douradas,
E não consigo pensar em mais nada,
Além do quanto eu me aprofundo em você
e mesmo assim não sei o seu nome

Sinto os anéis em volta dos meus dedos,
Os carros começaram a se mover muito rápido,
Minhas pernas grudam na minha pele,
Meu cabelo encosta nas minhas bochechas,
Eu consigo me sentir cega,
E mesmo assim continuo a derreter,
Tentando conter os pedaços quebrados
com minhas mãos amparadas

Talvez você não compreenda
o quanto eu tentei te entender,
Mas eu não consigo aceitar nada que não é meu
E não venha me chamar de egoísta,
Quando se está acostumado com o privilégio,
a igualdade parece opressão

Uma pequena parte minha ainda se pergunta
Porquê foi tão fácil você desistir de mim,
Eu só queria sentir algo,

continuação

Algo diferente do que a chuva caindo lá fora,
O ar que me sufoca nesse silêncio ensurdecedor
E a completa solidão em se perder nas próprias imaginações,
Procurando palavras de consolo que confortem
a velhinha tomando sol,
o grupo de amigos felizes,
os jovens adultos perdidos em um amor como o nosso

É difícil atravessar as ruas com a ventania,
E dançar com a sua sombra parece justo
quando procuro seu rosto por cada sala que eu passo,
Mas acho que seus olhos nunca foram meus,
Queria que você me olhasse igual olha para ele
Afinal, quem mais secaria minhas lágrimas
Quando meus olhos caíssem do rosto?

Pensar demais acaba matando a felicidade,
Mas eu nunca estive errada sobre tudo isso,
Inclusive sobre você.

Ana Carolina Sancho Alves

100 ANOS DE CLARICE (1920 - 2020)

Retirante de terras distantes
Daqui fez cenário de epifanias
Da prosa, um jardim de rosas
Em espinho, vincos dilacerantes.
Seus laços, deixados ao salto de planos
Resistem à prova do tempo soberano

Palavras cruas e certeiras
Nunca em busca de certezas
Contra rios, inimiga do óbvio
A ela, rocha se torna pluma

Capitu ucraniana (nascida),
pernambucana (escolhida)
De olhar enigmático, penetrador
Transcendente narrador

Em chamas a mente lança
E magistralmente desnuda,
À luz de penumbras,
Cada sentimento que nos apossa.
Fotografias entre preto e branco
Como lavar-se de tamanho encanto...
Um século de seu advento
E como esplendorosa supernova
Sua estrela mostra não ter hora.

André Vaz de Campos Moreira Tourinho

(RE)GRADAÇÃO

Escrito após um passeio no Forte de Stº Antonio da Barra
Dedico a querida Ana Carmen Costa Dias

Gradação, anil a verde, a da Vinci
É inimitável em suas paletas
Ah! Não poderei ousar descrevê-la
Entenderia se também a visse

Saia para lá estresse
Hoje tu não me tentas
Esta paz, não mereces
Frente à cena tão lenta

A minh'alma purifico nos rochedos
Feito cada lavadeira do Cortiço
Se cá vim dividido, pleno me vejo

A vista nublada, límpida
O corpo antes pesadiço
Com estes olhos, levita.

André Vaz de Campos Moreira Tourinho

A SINA DE UMA FLOR

Não! Por qual razão?
De fato ser responsável por aquilo
Que por desatino qualquer cativo

Esboce o planetário pesar
Que uma pobre flor na praça
Haveria de ali carregar
Por cada passante assediada
Em plena luz do dia
Em pleno Sol do meio-dia
Talvez por essas leve sou
Se a mim tudo fascina
Já esfacela murcha a flor
Vítima de sua beleza nociva
Cessa sem dono ou nome
Na terra da qual brotou, some
Da luz que viu, pura cobiça

Se menos majestosa fosse
Perdida entre rosas e Adônis
Estaria viva, mas quem a lembraria
Em versos de aroma eterno?
Breve mártir de memorável sina.

André Vaz de Campos Moreira Tourinho

A SEDE INFINITIVA

Fulminante, quando não pólvora
Enraizante, que não um sorriso
Gasta como todas as metáforas
Instante em que me reviro
Sem ver ou ter onde transpô-lo
Este imenso adentro me ocluindo
Mais que engasgo ou enjoo
Ácida falha, a busca de curar isto
Como quem aponta a ponta
Da flecha curva ao próprio íntimo
E, ainda assim, beirar certo alívio.

André Vaz de Campos Moreira Tourinho

SUBSTITUIÇÃO

Angústia por expectativa
Tensão por tesão
Paranóia por encontro
Problema por solução.
Silêncio por música
Estagnação por movimento
Estresse por motivação
Razão por sentimento.
Falsidade por verdade
Lamúria por agradecimento
Distância por abraço
Desilusão por encantamento
Solidão por paixão
Raiva por alegria
Rabiscos por palavras
Documentos por poesia!

Andréa Garcia Romani

ENCAIXOTAR

Encaixotando as coisas
Fui organizando minha vida
Caixas cheias ou vazias
Caixa doada ou caixa vendida
Caixas de saudade e de alegria
Etiquetando cada uma para identificar
Cada coisa, cada momento
Cada lembrança tem seu lugar
Caixas lotadas de passado
Caixas vazias para o futuro
Escrito frágil , tome cuidado
Caixas pesadas de trabalho duro
Arrumando fotos e documentos
Livros, filmes, instrumentos musicais
Partituras, roupas, a florando sentimentos
Jogando fora papéis e jornais
Enfeites, cobertores e travesseiro
Toalhas, perfumes caros e baratos
Coleções, peças de cozinha e banheiro,
Materiais de cursos, bolsas e sapatos.
Tudo empilhado e separado
Cada coisa em seu lugar
Com o objetivo alcançado
De abrir espaço para o novo chegar!

Andréa Garcia Romani

ALMA

A forma da alma é o corpo na qual habita?
É contida em espaço real?
Se expande em envergadura infinita,
Ou se contrai diante do mal?
Em que forma pode ser descrita,
Em que palavras pode ecoar?
Cabe na mente que acredita?
Com suas asas pode voar?
Abstrata e impalpável vagueia,
Como substantivo singular...
Mas a vida que a anseia,
Aguarda almejante seu despertar!

Andréa Garcia Romani

PASSARINHO

Pousa passarinho, pousa,
Sossega tuas asas, descansa!
to descendo Acalma teu coração e canta!
Canta, passarinho, canta,
Preenche o ar com teus lamentos,
Perfuma o bento com tua alegria!
Voa passarinho, voa,
Leva aos céus tuas cores,
Enfeita o mundo com teu existir!

Andréa Garcia Romani

SER MULHER

Há dias em que toco toda
Invento com as madeixas
Reviro a casa abaixo
Buscando ocupar-me
Ao máximo

Observo pela janela
O movimento
Não das pessoas na rua
Não por ninharias
Pelo Sol a ameaçar
Vindoura despedida

Há noites em que sinto
Fielmente nas tripas
Carregar a pena de cada uma
Das mulheres pelas quais passei
Ao toque do olhar distante
No metrô, na avenida
Há sobre nós uma mesma cruz

Por acreditarmos
Por resistirmos
Quantas vezes for.

Angelina G.

QUESTÃO DE TEMPO

É tudo questão de tempo, é só questão de tempo...
E como eu queria ter mais disso: mais tempo para
aproveitar aquilo que já foi e nunca mais vai ser.
Eu perdi, nós perdemos e nem vimos quando ele estava passando,
porque ele não parou nem mesmo para as despedidas.
Doeu, chorei, sofri. Continuo lidando com as dores e as
perdas dos últimos meses, que parecem doer uma vida
sem as mesmas pessoas que sempre estiveram aqui.
Não deu tempo de escrever e ver o que estava
acontecendo, então simplesmente passou.
Eu sinto falta de um texto, uma história
bem contada e nossas risadas.
Falta algo, mas não vai ser preenchido.
Não tem o “quê” ou “quem” colocar no lugar e nós sabemos isso.
Sendo assim, apenas seguimos com as saudades do
que vivemos, junto com aquilo tudo que planejamos e
tínhamos a certeza de que íamos ter pela frente.
É só questão de tempo, para aprendermos a lidar com tudo isso.
É só questão de tempo, pelo menos para cicatrizar.
Conto com o seu apoio e com todas as boas
lembranças para passar nessa inconstância.
Esse luto não é só meu, essas saudades não são só minhas.
Todo mundo perdeu alguém, todo mundo disse adeus.
Desculpa não ter escrito como queria, apenas estava ausente,
correndo ou esperando um pouco mais de tempo.
É só questão de...

continuação

Você sabe, daquele tal de tempo que têm as mil
questões e mal sabemos as respostas.
Queria eu ter esse controle, só que o máximo
que consigo é correr no agora.
Vou caminhar todos os dias, outra vez.
Vou aproveitar cada momento.
Dessa vez sem perder tempo.
E vou tentando equilibrar os pontos dessa história, um pouco
de tudo que o que sinto aqui dentro e o que vivo lá fora.
É só questão de tempo...

Ariane Freire de Sá

CABIMENTO

às vezes a gente não cabe
dentro da gente
e tenta caber
no outro
nos outros
que estão dentro
(e fora)
de quem
imaginamos
que somos

e por não caber
esquece do que estava
de fato
procurando
corta pedaços
se esgarça
se rasga
para ter a sensação
de fazer parte

continuação

apalpar a falta de si
é tatear aquela
ferida
de joelho ralado
ao cair de bicicleta
na rua da frente
de casa
quando tudo era
mais
simples

arder para curar
criar nova pele
para crescer
para caber
nas muitas versões
de quem se
é

Beatriz Badim de Campos

REMINISCÊNCIAS DO ÚTERO

Reminiscências do útero

Nossa história é parecida.
Tornei-me pessoa na água
e desde então vivo do ar,
vivo no ar.

A vida é uma onda gigante
ora se espalha, ora retrai.

Ora a vida me leva, ora levo ela.

minha presença não faz diferença, exceto quando o centro da terra
balança como um acalanto uterino, quando não respondo por mim.

Beatriz DI Giorgi

GRAVIDADE

Acordo de ponta cabeça e sinto o tamanho da gravidade.
Sem disfarce possível a época é grave, sisuda, preocupante.
A gravidade, força de atração em si, tende a nos escravizar.

Paradoxo em si, gravidade, em sentido bíblico, se
apresenta sincera e realizadora de obras. Que obras?

Em plena e desconhecida gravidade, atraída para
o centro, sinto-me engravidada do novo.

Que vingue a vulnerabilidade, que vingue a
leveza como resposta, como ciclo.

Que dias leves e graciosos venham como filhos e
filhas dançantes e risonhas da gravidade.

Que venham com o vento!

Beatriz DI Giorgi

ASSOMBROS FUNÉREOS

Assim caminho a divagar
Devagar eu sempre ando
Desbundando em pensamentos
Esquentando ligamentos
Pra puxar da língua a prosa
Como um giro a cirandar
Bem plantando lindas rosas
Em fragrâncias a despertar
Bons amigos, pr'essa roda
Ponho eu a costurar
Pois da vida não se leva
Se eleva e bem revela
O amarelo destas prosas
Intenções sempre haverá
Com certeza dizem então
Inclusive o de ter gente
Pra levar eu todo branco
Bem defunto no caixão...

continuação

Pra morar no cemitério
Conferir as tantas almas
Que os vivos dizem sérios
São espectros invisíveis
No rigor dum monastério
Não há prosa só silêncio
Horror psiu de necrotério
Pois conversa não há lá
Só nas horas ditas mortas
Pois são luzes, são lanternas
Tumulares em seus mistérios
Que no breu lá das cavernas
Não aos vivos que tem medo
Bem desvendam seus segredos
Aos seus iguais,
No silêncio inverno eterno
De total esquecimento...

Benito Campos

VIVA PELAS MELHORES LEMBRANÇAS

VIVA PELAS
MELHORES LEMBRANÇAS
Sem rabugices e lamentos
Não seja um velho lamentoso
Pois senão será permanente
Desgostoso...
Não dê a cara a surra e ao relho...
Pois estará cultivando pela vida
nenhum gosto...
Sendo intolerante e pentelho.
Vivenciando, mitigando o contragosto
Semeará dores e desencantos.
Aconselho;
Fugas do triste e do pranto
Abra na vida atalhos de encantos
Faça-se um passarinho, cante
Voe e de asas ao seu lado de criança
Terás sono, terás sonhos, se fará risonho
Terás sempre ao teu lado, a todo instante,
Bons amigos e suas melhores lembranças...

Benito Campos

GERAÇÕES

Um olhar tão amoroso
O abraço aconchego
Um controle do alvoroço
De um coração sem medo

Ouvir sua voz durante os dias
Ver sua face contagiante
Acalento pro coração
Mesmo fisicamente distante

Referencia do amor
De suporte, de carinho
Faz mais leve minha dor
Coração menos vazio

Semore história pra contar
Ou conselho relevante
Ela ensina o que é amar
Um troca tão constante

Sua risada tão gostosa
Que colore o meu ver
Sua alma piedosa
Intensidade de querer bem

Carolina Aguerre de Salles Penteado

CONFLITO

O calor do fogo
A fluidez da água
Boa moça se dedica
Outra face mostra a cara

Por um lado, disciplina
Do outro, revolta
Com seu jeito de menina
Sua face mulher comporta

Quer fazer tudo direito
Mas a mente atrapalha
Tudo queima no seu peito
O conflito se revela

Acorda pensando em casamento
Mas a tarde quer curtir só
Ve seus sonhos em conflito
Confusão de dar dó

Se você não decide
Vão decidir por você
Se te afaga ou te agride
Você tem que perceber

Carolina Aguerre de Salles Penteado

TEMPO MOVIMENTO

Sempre paramos para pensar
Na importância de cada momento
Mas não podemos deixar passar
O verdadeiro sentimento

Nesse lugar onde estamos
Tudo é relativo
Dias podem parecer anos
Pois o pensamento é criativo

Nessa vida atraímos
Acontecimentos por afinidade
Mas temos que escutar o que sentimos
Se deixar de agir com bondade

Nunca pense que uma pessoa
Não tem nada a oferecer
Você sabe que essa vida voa
Temos tempo a perder?

Então escute seu coração
Ele é seu maior guia
Escute-o e não será em vão
Esqueça a agonia

O amor está em toda parte
Em cada parte, em cada lugar
Em tudo o que é “feio”, podemos ver arte
Basta mudar a forma de olhar

Carolina Aguerre de Salles Penteado

MUDANÇA

Nos momentos de silêncio
Profundo de nossas almas
Acreditamos às vezes não conseguir
Achar nosso ponto de equilíbrio
A alegria e a calma
Mas chega o momento de emergir

Mudar os padrões ultrapassados
Olhar o mundo em nossa volta
Saber que amor difere de apego
E que o que se foi não pode ser mudado
Temos que traçar a nova rota
Mas dessa vez sem medo

Conhecer novos caminhos
Novos prazeres e risadas
Sentir a cada respiração
O sentido de tudo o que é vivido
Aprender que a felicidade só é verdadeira
Quando for compartilhada

Só quem sentiu a solidão
Sabe que não dá para viver sozinho
Todos têm muito a oferecer
É só ter disposição
Ser uma flor sem espinhos
A benevolência só tem a engrandecer

Carolina Aguerre de Salles Penteado

ENTRELINHAS

em todos os gritos,
nas entrelinhas o silêncio
emm todos os silêncios,
nas entrelinhas o grito!
força incomensurável para dizer,
o indizível...
naquilo que nasce
que pulsa, que move
e que não tem nome
em todos os nomes
o que escapa
aquilo que nasce
que pulsa, que move
em cada nome
aquilo que só é enquanto chama.

Carolina Rieger Massetti Schiavon

ELE FEZ ANIVERSÁRIO

toda tarde, tomba a tarde
 languesciente
tremula sobre a tez
 em sua testa
leio nosso opúsculo
com olhos marejados
faz as contas das chances
faz de conta que é forte
 a luz que resta
 extingue-se
 o dia é noite
esconde as lágrimas
entoa o tempo
a vida celebra
já foi metade
sobre a mesa
meia garrafa.

Carolina Rieger Massetti Schiavon

MOTO PERPETUO

é na minúcia,
vida
é na minúcia
é preciso ter argúcia
e estar sempre desperto
comumente a maravilha
está perto
o dedilhar dos meus dedos
nos seus
é que fagulha a eternidade
na correnteza da tua veia
centelha
nas sutilezas cotidianas
vida
é no conjunto de miudezas
que somos
no olhar, fresta que fisga
e abocanha o mundo
inteiro num instante
no café da manhã
a ânsia de infinitude
no arfar
a vontade inelutável
na palavra mínima
amor

Para Vladimir e Yohan.

Carolina Rieger Massetti Schiavon

ANCESTRAL

Trago a ancestralidade ecoando
em meu avesso...
um canto de identidade,
um som de atabaque
Tambor ou um Djambe,
celebração de nyabing com
o ressoar da liberdade,
a luz da divindade que emociona e toca minha humanidade.
Minha rima é sem censura,
sem frescura
Meu reggae é de raiz,
Não penso dentro da Matrix ,
sou mulher sou Feliz ...
sustento minha fala
Alimento minha alma. resistência é minha ciência, minha essência
Trago o tesouro nobre da minha idade, os benefícios da experiência
Meu sagrado iluminando consciência, sem permitir
total vaidade, sem apagar o brilho da intensidade.
Dreadlocks num mundo de lokes,
Faço da minha coroa
Aliança com Jah
Paz , amor , justiça e liberdade
Liberdade de agir pensar e meu mundo mudar.

Cris Roots

O MUNDO DA CRIANÇA

O mundo da criança é doce feito algodão doce!

Tem alegria, tem brincadeiras, tem sonhos
e fantasia, é cheio de magia!

Toda criança merece ser respeitada, merece
ser amada e ser muito de feliz!!

Criança tem que sonhar, brincar, passear, correr até
cansar e depois gargalhar de tão amada que é...
Criança é sinônimo de amor!

Dalva Mariano de Oliveira

POR ENTRE

por entre minúsculas
faz-me falta sentir as peles moles, duras
as rugas entre os dedos, tentando acariciar o tempo
em sua pele de pluma.
o tempo, as bocarras abertas falam
e falam por entre letras minúsculas, sem a pausa do tempo
do texto, da
voz,
do corpo endurecido.

faz-me falta o recolhimento da fala diante do gesto
da imobilidade do silêncio
das plumas, das palavras sem intenções.
o movimento de Pietá,
meu filho, meu
filho,
rogai por nós.

Deborah Brum

O QUE NÃO CABE NO POEMA

O ódio não cabe no poema
O ódio branco
no copo
no leite
o copo
o leite
o leite transborda
O ódio branco não cabe
no poema
É preciso estender o poema.

Deborah Brum

BLUE

Diga-me que as escamas não são as nossas peles.
Que os olhos de peixes vidrados ainda procuram um rosto de
identificação entre tantas faces que nos aparecem em quadrados.
Delimitados.
Deus deve ser isto: o lugar onde tudo se cabe, mas onde nada se tem.
Esfrego a pele com a melodia da música porque
não se sustenta escamas em ossos macios.
É preciso da pele fina, das coisas que se deixam escorrer.
Chegam as borboletas.
Capturo com a língua a borboleta azul.
Suas asas batem suave dentro da minha boca.
Aguçam minhas papilas gustativas.
Deixo-me escorrer em saliva, em secreções de afetos.
Babo do meu veneno, desse fármaco preciso.
O som blue...
O som blue...
Infla-me as bochechas macias,
o corpo não suporta o peso das significações.
Deve ser isto, Deus?

Deborah Brum

VOLTEI A ISRAEL

Voltei a Israel e encontrei algumas mudanças
Mas será que foi mesmo Ela que mudou ou será que fui eu?

Voltei para o Meio do Mundo
No ponto de intersecção entre o novo e o velho

Existe um cheiro no ar
Um cheiro que não sei o que é, nem de onde vem, mas que só Ela tem

Já procurei, mas não encontrei
Não é um cheiro que se encontra para vender
É o cheiro do ar,
Do mar,
Das águas,
Do suor

Mas dessa vez eu quase não senti o cheiro
Ele estava discreto, escondido entre suas ruínas

Eu não gosto de deixá-la e nossa despedida é sempre muito triste
Mas eu sempre volto
Eu nunca sei quando será a próxima vez

Mas eu sempre volto para o Meio do Mundo
Para o Meio Oriente
Para o Oriente Próximo
Que eu gostaria que fosse mais próximo

Mas quando ela precisa de mim eu cruzo mares,
montanhas e desertos para vê-la
A minha Israel

Desirée Garção Puosso

AMEI

Eles disseram “Ano que vem em Jerusalém”

E sim, eu vim
No frio desolador que sempre me adocece

No gelo frio que vem dos montes,
Me desesperei

Eu amei
Amei em Jerusalém
Sim, eu amei

Senti o gelo frio de uma geração
Que só faz o que lhe convém
Não ama a ninguém
Mesmo aqui em Jerusalém

Então, em Tel Aviv eu me perdi
Sim, eu me perdi
Eu me perdi do amor

continuação

Daquilo que eu sempre achei que fosse o amor
Mas eles disseram “não é mais assim”
Nem aqui
Em Jerusalém

E eu vi o mar
E mesmo assim eu não senti mais
Eu não senti mais o amor
Depois que voltei de Jerusalém não senti mais

Eu ri
Eu chorei
Eu vivi

Mas e o amor?
Não, o amor não me quis
Isso eu não encontrei
Nem em Jerusalém

Desirée Garção Puosso

O QUE É SE PERDER

O que é se perder em comparação a uma guerra?

O que é o furto perto da corrupção?

O que é desertar quando o errado é a lei?

O que é se rebelar quando já não se tem outra opção?

O que é resistir quando já não se tem mais para onde ir?

Desirée Garção Puosso

O PROFESSOR É A LÂMPADA DA VIDA

Dizem que a vida é um professor
Pode ser um facto real
O sol nasce para quem aprende
aprendendo na jornada diária

O caminho
pode ser surpreendente
o futuro pode ser incerto

Mas é certo
que o TPC da vida
é aprender infinitamente
e o professor
é o personagem principal
da história das profissões

Por isso
Ter que ensinar e aprender
é um
compromisso em mão dupla
a quem invoca o que sabe
e aprende o que não sabe

E sucessivamente
a lâmpada do progresso
vai ligando a arte
pelo gosto
do saber
gerando a cultura do estar

E o professor estará presente
em todas as histórias
da formação humana
e profissional

Edelson Titosse

SOBRE O CIGARRO E O ESQUECIMENTO

Quando fumava, evocava memórias antigas: algumas feitas de ferro, pressionavam a parte fina do coração. Memórias em brasa, desejava extirpá-las a cada tragada, mas parecia injetá-las.

E quando fumava, a cada baforada, percebia que não esquecia a tristeza. E quando apagava o cigarro, o esquecimento não tomava a forma da fumaça.

E não se apagava.

Assim se despedia do que nem sabia, à mercê do rio da vida, que deságua no esquecimento e num dia que não me lembro.

Eleni Cristina da Silva Amorelli Caputo

VÃOS

Agora o tempo se esvai, calmo e degredado. A chama
da vida se parte na face do homem arruinado.
As orações ecoam no cerrado, cruzam abismos e riachos, deságuam.
A quietude da sombra segue o passo do rebento: encolhido
e pequeno, estica-se a cada passo. Seu silêncio fora
rompido pelo primeiro balbucio, centelha do verbo divino
acesa, humano apartado do infinito, do instinto.
Caem sóbrias as flores na alameda. Seu som
vazio ecoa na terra, sem testemunha.
Todos dormem ao romper da aurora. O gado magro
deita-se resignado na relva ressequida do cerrado.
Ontem não mais existia. O futuro é uma mentira.
Do pó renascem a pérola, a criança faminta
- na brisa perdem-se os dias.

Elieni Cristina da Silva Amorelli Caputo

Meus sonhos são
a repetição
do abismo
onde meu corpo
é lançado
e fogado
em loop
infinito

Elieni Cristina da Silva Amorelli Caputo

Meus dias de pandemia
Estão sendo uma lição.
Mesmo presa na gaiola,
Canto uma linda canção!

Corona, meu amiguinho,
Se posso assim te chamar,
Você chegou de mansinho,
Pra minha vida mudar!

A mudança foi enorme.
Tudo ficou diferente!
Mas foi uma grande lição,
Aprendida por muita gente.

Não foi fácil mudar tudo.
Dei mais valor à família.
O que era uma rotina
Hoje virou maravilha!

Elisa Montone

PALAVRAS CHAVE

Peças d'alma
anima, instinto
extinto
animal
corpo físico, etérico
terra, água, ar e fogo
cabeça, tronco, membros
éteres
éter
vital, químico e calórico
vegetal
fruto, semente, caule, folha e raiz
mineral
sensível, visível, mensurável,
suprassensível cosmos
lua, planeta e sol
Eu
pensar, sentir e agir
ir para o mundo
no carinho do amor
mundo p'ra novos mundos
travessias
onde for

Fábio Junqueira

AS SOMBRAS DA PANDEMIA

dois peregrinos sentados á sombra do ipê
se não há caminho, caminhantes
sobre o que conversam?
sobre a flor que pousou na minha dor
dor doida
flor do ipê amarelo
caiu no meu caminhar
me fez desenhar das minhas sombras
brincar, desejar, respirar a vida que se segue

Fábio Junqueira

GUIDO FREDERICO JOÃO PABST

Rua com nome de gente,
Gente na rua, sem nome nem lar?
Guido, botânico que estudou a vida.
Alguém da rua conhecia o Guido?!
Não, ninguém! Vidas que o desconhecia.
Que viva à rua, que rua hein Frederico!
Esconde-esconde, bate-lata, pega-pega,
Banho de bica, rabeira de caminhão, troca de figurinhas,
Taco e reta: bolinha perdida....
Chute a gol, ou melhor, no portão da “igrejinha”,
Golzinho de pedra, futebol de rua- Pabst.
Aniversários, festas, quermesses,
Na rua João, o povo se entende.
Brigas cabeludas, bicos que não se bicam,

Na rua Guido Frederico João Pabst o
coletivo se cuidava, algo natural.
Antes com pouco asfalto e cimento, mas com muita vida e amor.
Hoje nem agente nem Guido, rua sem nome e casas sem números!

Geilson Sampaio

OVERDOSE DE PENSAMENTOS

estou aqui
Toca a cantarola
Coelhos saem da toca
Meus amigos estão azuis
Quem são eles?
Isso é um peixe
Ou é um avião
“Você está linda hoje”
“Me emprestar seus olhos”
O rinoceronte ri
Enquanto me empurra pro coqueiro
Não entendo o que tanto vê
Nessas bainhas de gordura
Que tanto lambe
Seriam minhocas no meu cabelo?
Coça, eu queria coçar
Mas meus braços brincam com o rabo do moço
“Quem é você?!”
Doido maluco
Corro mas o abismo tá perto
Preciso engatinhar
Me arranho nos espinhos
Não

continuação

Pernas
Onde eu estou?
Eu quero ir pra casa
Lar de ninguém
Prefiro hospitais
Gosto de ser cuidada
Posso ficar nessa grama?
Está tão macia
Parece pele
Parece abraço
Lembra algo que nunca conheci
De grandes três portas
Onde todos sabem o hino nacional
E são engomadinhos
Tagarelas
Queria ser menos tagarela
E falar mais
Nesse lar talvez
Um dia
Seja quem quer que seja
eu?

Giulia Crescenzi

CASA NA AREIA

Por que virou antes?
Continuei quieta por eras
quis preservar a dignidade
acabou custando a Vida

A fumaça queima a garganta fechada
a Cigarra beija minha alma perdida
nunca quis ser jovem
preferi passar a infância flertando com a cova

abraçei mais árvores que gente
transei para me procriar
interpretei O futuro
sobreviver virou fetiche

O corpo que viu crescer te excita
isso não te assusta
me lambe em seguida crucifica
odeio tanto meu corpo poluído

Não devia ter confiado outra vez,
queria ser a madura
cai do pé cedo demais
não vejo prejuízos no duelo

com o sangue no chão do banheiro
pelo menos fiz ele chorar
sem o espelho que empresta o Reflexo
terá que pagar por terapia

Giulia Crescenzi de Freitas

CAPA VERMELHA

Há um livro a menos na estante
Nela ainda há vários outros
Romances, tragédias e contos
Mas continua com um buraco
Onde havia o livro que sumiu da estante

Clássico sobre o ato da escrita
Me conquistou à primeira vista
Porém me encontro míope
Quando não o percebo mais
O buraco que preenchia é limitante

Ninguém nota o que falta
Nem mesmo o que há
Não queria esse triunfo de ver
Muito menos ser a dona
Da maldita estante que
Um livro a menos nela há

Giulia Crescenzi de Freitas

ESPELHO ROUBA O REFLEXO: ENCONTRE O ASSASSINO

Estou cercada de imbecis
Tentam sentir menos para escrever demais
Seus pensamentos rimam mas são cultos para batalhas de rap
Regando a tristeza para que ela cresça no passado
E faça sentido para quem pegar o papel
Escrevem ousadias mas batem panelas na revolução
Precisam de sangue e pena para poemas grandiosos
Sem nem ter o que escrever
Colocam versos por alívio
De querer ser escritor
Mas quando se lê
Nada diz
Fazem o simples parecer complicado
Eu odeio poetas
Todos eles
Não me chame assim
Sinto desgosto
Não sou boa nem quero ser
Nem fumo cigarros para dar charme
Quando digo isso me respondem:
“Por que Clarice?”
Não sou Clarice
estou falando do meu túmulo
Mas não estou morta
Morri daqui um século
E me recusarei até lá
De parar de digitar poemas no celular
Ou de fingir que minha escrita é refinada
Não tenho dúvidas do porquê de continuar
Sou uma escritora que não quer pensar
Me questino
Por que quero tanto compartilhar?

Giulia Crescenzi de Freitas

HOMENS ECLÉTICOS DA CLASSE MÉDIA

eu sai com um cara
que me disse que não é triste
a última vez que chorou
foi há um ano atrás
quando o cachorro perdeu as bolas
não sei como consegue
ou acha isso bom
me sinto superior
por ter esperneado hoje de manhã
porque as linhas não se encaixavam
quebrei meu lápis
enfiei na minha mão
e sou bem melhor que ele por isso

ele até nem beija tão bem

Giulia Crescenzi de Freitas

OLHOS DE FLOR

Lá nos pântanos
Jazem flores sem cântaros
Na companhia dos pássaros
Lindos viajantes

Lá nos recantos da cidade
Onde abunda oxigénio
E o gênio da vida
Dormem flores sem jardineiros
Apenas velhos fazendeiros
Que nem sabem o que fazem

Lá no coração da floresta
No mais profundo vale
Jazem muitas flores
Clamando por socorro
Alimentando-se das pequenas gotas de água
E das migalhas de pão que restam em seu lar,
Seus olhos brilhantes,
Olham aquele nascer do sol radiante,
Com um ruído estranho na barriga,
Sustentam-se com um sorriso e uma brisa
Sentados mais uma vez a rua
Cantando como sempre!

Hélder Samuel Ngulele

DEIXA-ME TE AMAR

Deixa-me te amar
Deixa-me te amar,
Como a suruma ama seu fumador,
E vai cantando entre os ares,
Fuma-me, sinta-me fluir em seu corpo,
Deixa-me chegar a sua alma,
Deixa-me tocá-la e mexer seus sentidos

Deixa-me te amar,
Deixa-me vaguear nessa dor,
Dor tristonha de amar o odor,
De seus passos e suas vestes,
Oh como cheira-me suave,
Sim, deixa-me amar-te love,
Deixa-me segurar tua mão,
E levar-te comigo nesta canção

Deixa-me te amar,
Todo sombrio amando tuas sombras,
Teu feitiço, teu delírio,
Deliras tão silenciosa,
Caminhas toda pretensiosa,
Bela e cheia de realeza,
Oh o mundo gira aos teus pés,
Mulher, teu feitiço é forte
Teus olhos tem poder

continuação

Deixa-me te amar,
Sorumbático? Ou melancólico?
Amo-te bebendo o álcool
Pura bebida, seca dos sentimentos,
Deixa-me embriagar na bebida,
Deixa-me fazer a história,
Queira ou não, continuo na escória
Te amando em cada santo dia
Podes por favor, dar a este mendigo,
Algumas migalhas de sua atenção,
Já que o seu coração,
É demais para ele,

Deixa-me te amar,
Liberte-me dessa censura,
Meu coração te misura,
Te ama com tanta fervura,
Senhora, deixe teu servo tocar seus pés,
Lavá-los com eterno amor,
E limpá-los com terna sinceridade.

Hélder Samuel Ngulele

A INCONSCIÊNCIA DO POETA

Hoje a inspiração bateu bem forte
Na alma do poeta
Eis aqui o homem se inquieta
Fingindo ser fingido
Suas palavras compõem linhas
De sentimentos inexistentes
E na sua existência dão consciência
A sua prepotência,
Homem de muita fé,
Crê que nada vê
E que tudo que não se vê
Se sente,
Deus existe no seu ser
E você existe no seu próprio eu,
Esquece que o mundo é redondo
E vive nesse idiondo
Plano de inconsciência
De um poeta melancólico.

Hélder Samuel Ngulele

TERRA MORTA

Terra morra
Há
Há nesta terra perdida
Uma história no tanto vivida
Por homens de barro e cerra
Escondidos na selva
Onde habita a fera

Há
Há nesta terra assolada
Morta, destruída pela guerra
Crianças sangrando, chorando
Gritando, clamando
De tanta dor que se faz sentir
Na alma

Há
Há nesta terra suja
De sangue e repleta de terror
Almas cheias de assombro e temor
Um homem chorando
Porque perdeu seus filhos
E também o seu amor

continuação

Há
Há neste lar despedaçado
Gentes que perderam a esperança
Morreu-lhes a crença
Morreu-lhes a crença
De um dia levantar cochiloso
Alegre e disposto para viver mais um dia
Hoje nesta terra
Quem dorme não mais quer acordar
Quem anda não mais quer caminhar
Nesta terra, ninguém mais quer morar
Luisana que aqui nasceu
Na madrugada de ontem morreu
Com um tiro no peito desfaleceu
E descansou no pó desta terra
Morta e sem esperança.

Hélder Samuel Ngulele

QUEM SOU EU?

Apesar do olhar vazio, me sinto cheia...
Cheia de emoções, de ideias
Que teimam, que insistem, que rondam meu ser.

Às vezes cheia de mim mesma, tão cansada...
Minha mente a milhão não se decide...
Afinal, sou noite ou dia?

Prefiro pensar que sou uma tarde quente de outono
Onde meus pensamentos fluem...
Pensamentos plurais,
Estou em inúmeros lugares,
Sou fluidez, sou vento...
Sou várias em meu pensamento.

E, assim como as ondas do mar,
Sou o medo de amar.
Como uma onda
Tanto chegar onde desejo.
Mas, logo me disperso
Ao chegar à praia

Helena Andrade Santos

SONETO DE ARVERS

Minh'alma tem mistérios e segredos.
Do amor que apareceu-me por inteiro,
sequer imaginou-lhe o cavalheiro
que em mim plantou a dor, a falta e o medo.

Pois sombra então serei! Piedosamente
serei um pobre bardo sem afeto –
pois mesmo estando vivo e tendo-o perto,
o amor não quis me dar, infelizmente.

Por Deus assim formado, tão garboso,
nem vê que fico aos cantos, desgostoso,
que pena que não pôde me entender...

Mas se ele perguntasse com apreço
“Quem foi o felizardo destes versos?”,
aí que eu lhe diria: foi você.

Henrique Vitorino Moura Valle

O GOSTO AMARGO DO AMOR

É cedo. Surge o sol, ainda dormente,
a iluminar os vidros da janela.
Num canto, jaz o toco de uma vela.
Do leito já se foi a paixão quente.

Desperto triste. Me incomoda a cama
e quero levantar sem te acordar.
O copo de cerveja sem tomar
assiste, solitário, o fim do drama.

Estremeço-me, e fumo meu cigarro.
Desperto teu repouso num pigarro
e dou a informação: “Faz frio agora...”

É bom que minha lágrima não vejas.
Ignoro teu clamor que lacrimeja:
“Não podes mais me amar?” E vou embora.

Henrique Vitorino Moura Valle

HERANÇA

Morreram meus avós, meus animais,
morreram meus amigos e parentes;
morreram suas risadas estridentes:
morreram meus domingos, meus natais.

Morreram meus partidos, presidentes,
morreram as canções, e meus missais.
Morreram meus vizinhos confidentes,
morreram também tios, irmãos e pais.

Morreram meus desejos de criança,
as noites de luar ao violão,
e até dos meus desejos não há brasa...

Morreu também meu resto de esperança,
e agora, que cheguei na conclusão,
também irei voltar à minha casa.

(Inspirado em excerto do poema “Tabacaria”,
de Fernando Pessoa)

Henrique Vitorino Moura Valle

AMOR DE UM TÍMIDO

Com ele, já passei manhãs completas.
Por mim, e ele também, não haveria
qualquer intromissão que afastaria
seu corpo dos meus braços. Pois que seta!

Cupido fez questão (e não faria?)
de unir o pleno oposto em linha reta.
O amor só se interessa em mãos abertas -
num gesto de prazer, ou de euforia...

Fiquei como lhe haurindo o tempo todo,
e as mãos tão firmes dele me tocando...
Eu disse, por mostrar o meu intento:

“Querido, a timidez é só um engodo!”
E enquanto o seu rostinho foi corando,
eu fiz amor com ele em pensamento.

Henrique Vitorino Moura Valle

RECADO

de: alma
para: corpo

te conheço desde sempre
e ainda não te entendo
temo teus sintomas
transas, traumas, tremores
que machucam, me chocam
checam minha capacidade
que se esvai com tua idade

então sinto uma imensa pena
da leveza que fui perdendo
do peso que foste ganhando
do tempo que junto tivemos
e nem sempre soubemos
o que dele fazer

teu tempo é contado na terra
e um dia teu peso te enterra
meu tempo não quer nem diz nada
porque sou eterna e sem ti
sou penada

Ita Liberman

ESCAMBO

abri um negócio
sozinha sem sócio
produtos novos seminovos
notáveis sustentáveis

atendo presencial e on-line
não aceito cartão de crédito débito
nem cheque pix ted
moeda nota ou bitcoin

faço escambo permuta troca
o que você tem pra trocar?

tenho em estoque
toque de alívio
um monte de faz-de-conta
prosa e poesia pronta

mando resposta boa
pra quem te magoa
e você fica lá
calada à toa

ensino encantamento pra lembrar do sonho
outro pra fazer sonhar
não trago teu amor de volta
se foi melhor não voltar

continuação

escrevo sob medida
carta de despedida
haikai de natureza
com toda delicadeza
letra pra canção
soneto de aceitação

é bem-vindo quem
saiba fazer bainha na calça
tope dar uma volta na praça
traga fatia de torta
não importa se doce ou salgada
conte coisa engraçada
sinto falta da boa risada
dê abraço apertado
livro lindo já lido
espalhe notícia verdadeira
não aguento mais besteira
nem ouvir da vida alheia

faça o bem com o que você faz bem
lema do voluntário
que conta história pela vida
tema de quem teima
dar mão cara coração
em troca de sorriso
compartilhar emoção
só porque sim

por que não?

Ita Liberman

SE EU FOSSE

se eu fosse hera
seria bom
transformava a casa
o muro e o portão
espalhava meu verde
de baixo pra cima
vivia na rua
esperava a lua
bebia da chuva
e ia crescendo
soltando seiva
parindo folhas
criando lagarta
ocupando tudo
assustando tanto
que um dia uma foice
vinha me arrancar
mas minhas raízes
tão profundas
tão confusas
metiam medo
ah, se eu fosse hera
seria bom

Ita Liberman

SENSAÇÕES

meus olhos sorriem
quando o cotidiano
encontra pequenos prazeres

como suave perfume no ar
claridade de fim de tarde
solzinho no inverno

como afago no gato
saborear um bom prato
rever aquele retrato

minha alma vibra
com a lembrança
que uma música traz
e faz o corpo dançar

meu coração sossega
na presença de certas presenças
que espalham paz
despertam um carinho explícito
um bem querer infinito

Ita Liberman

A VIDA

A vida é uma dança
É bela e cansa
Não importa a hora
E sim o agora

Ela te faz sentir
E se perguntar o que vai vir
A vida não faz sentido
Porém é divertido.

Izabella Antonia de Oliveira Alves

PÉ TESÃO

Quero os teus pés na minha boca
Lamber os teus pés,
deixar voce louca!
Quero os teus pés nos meus cabelos
me fazendo carinho,
me pisando de mansinho
Teus pés são pequenas miragens
e a minha sacanagem é a eternidade!
Quero os teus pés nas minhas pernas,
acaricie o meu sexo,
me enlouqueça com os teus pés!
Pés, meus pés!
Pé de laranja-lima,
pé de abacate,
pé de tomate...
Pé tesão
é o pé do meu amor,
é o pé da minha paixão!

Janaina Miranda

SAUDADE É CONFLITO

Saudade não tem razão
Doença assintomática,
drama sem pretensão

Saudade maligna,
ventania disfarçada de agressão
Pranto, sinal de atenção

Saudade truqueira e traiçoeira,
faca cega da paixão
Tumulto, fé e traição

Papel desbotado,
voa a esmo e cai no chão
Saudade.

Jean Azevedo Duarte

O TEMPO TEM MUITO A REVELAR

Minha maior prova de amor por você é o tempo...
Pois pelo o tempo em que te esperei, terei de esperar outra vez...

Jhennifer Aparecida Cândido de Sá Teles

CABO-DESLIGADO

Abatida como gado
ontem uma província
Hoje um deserto inabitado
escute só os Gritos de socorro
Tornaram-se numa melódica música sem nenhum corro
Cabo-delgado
Hoje um território de jogos mortais
Crianças abatidas como animais
E o mais incrível o país a funcionar normalmente
Festas em hotéis e mansões essa é a sociedade e os nossos dirigentes
Olha pra crianças soldados
Qué obrigados a ingressar as fileiras
A jurar por uma nova bandeira
Matam por um objectivo que desconhecem
Matando a um ser que conhecem
Olham pra os militares enviados pra nos proteger
Abatidos, deprimidos e sua moral quase a desfalecer
Coitados
A fome não perdoa a arma já está a pesar
Saco vazio não fica em pé se não há condições
mas como lutar com bravura

continuação

Se somos mal pagos e ainda por cima o salário ainda está atrasado ?
de militares pra Saqueamos vilas
É que precisamos sobreviver !
Moçambique é uma nação?
Não me faça dar risadas
enquanto somos mortos aqui onde está a outra parte do país?
O que tem feito pra esse cenário mudar ?
Onde é que estão os movimentos culturais ?
Os tais ditos artistas do povo e dos demais?
só se ocupam em movimentos de solidariedade
Mandam mantimentos matérias académicos pra uma povo que
tem escolas incendiadas, professores com os braços amputados,
hospitais encerrados porque os médicos foram decapitados!
Não é o que vestir, comer que nos preocupa
Pois esse é um problema que a anos nos ocupa
se se armam tanto em solidários transfiram um pouco da vossa paz
Um pouco da vossa paz

Jorge Samuel

OLHAR DE MORTE

Fumar traz vida
Teu olhar
Minha jovem
Gera morte.

Em alucinação eterna.
Paranóia patológica
Plantarei cigarros
No pulmão eternamente.

Não quero
Morrer.

Droga de olhos.

Se pudesse
Os tiraria
De mim.
Jogaria-os
Fora.

Caixão ao mar
Sem direção.

“Viva la vida”

Me salvaria.

Jose Cicero da Silva Souza

PRECISAMOS FALAR

Ninguém ousa falar disso abertamente
Enquanto isso
Milhares de jovens suicidas
Pulam de ponte.

Me perdi em cortes.

Feridas
À gilete.

Meu irmão, o que está fazendo?
Infelizmente, responde,
Amenizando
A dor.

Juventude doente

Morte coletiva

Futuro incerto
Depressão assassina.

Jovens
Mortos

Até quando o rádio
Informará mais um
Suicídio?

Precisamos falar sobre isso.

continua

continuação

Noites em escuro
Jovens morrendo.

Ninguém fala nada.
Público anestesiado.
Assunto a sete chaves

Mas o mundo lá fora
Mostra a depressão.
A esperança tá incerta
O futuro tá mais
Para cemitério
Do que jovens
Futuros.

Me perco em escuridão
Fico em silêncio
Em nome dos
Mortos.
Precisamos recuperar
Nossa juventude.
Não aguento mais
Meu irmão suicida.

Jose Cicero da Silva Souza

DECRETO ANTI ROMÂNTICO

Olha
Não sou crente do amor.
Olhares pra mim não
Dizem quase nada.

Só dor.

Sem intenção acabo seu
Mundo
Peço desculpas
Quase eternamente.

Derrubei teu Deus.
Matei tua mente.
Caminho escuro à frente.

Não chore, jovem.

Precisa mais de realidade.

Vida latente.

Mundo lá fora louco.
Morte de idealizações.
Seu príncipe encantado
Já digo
Tá morto
Então não espere
O mundo de fadas te encontrar.
Nunca se dará.
Infelizmente.

Jose Cicero da Silva Souza

O TEMPO E O NADA

Me sinto tão pequeno
No impulso animal
Das máquinas tecnológicas

Não sei guardar meu ser.

Hoje
Ontem
Caminho
Meio fora de prumo.

Passagem efêmera das
Estações

Quem sou?
Lembranças?
Memórias?
Vivências?

Aviso que não tenho
Suporte suficiente
Para
Caminhar
No tempo.

Durmo
Acordo
Se fora
Ontem.

continua

continuação

Próximo
de mim
O dia passado,
Mas é quão um
abismo
Entre
Mim
Hoje
e ontem.

Vagueio
A só
Pelo tempo.

Sou
Força
Visceral de existência

Ainda guardo
Alguns
Neurônios
De mim em
Relação
Ao ontem.

Jose Cicero da Silva Souza

PIVÔ

a vida vira,
ao longe ou logo ali
aos poucos ou num passo
a vida vai,
de dois surge mais um
num susto são seis
a vida vem,
mas então depois
invariavelmente,
novamente, somos
um.

essas viradas na via
de reis, rainhas
sua ou minha
é o que queremos que no logo ali
logo não venha
ou se quando indo aos poucos
se vá de uma vez.

Juliana Cavaleiro

É DOR OU SÓ POESIA?

Só queria fazer uma rima
Mas não conseguia
Porque somente ria.
Cadê minha poesia?
Sentia, mentia e sorria
Minha paz se desfaz
Sem viver e nada mais.

Mas, a vida é curta demais
A amizade dura para sempre
Incessantemente.
Jamais em nenhum momento
De desgraça substituía a taça
De vidro pela de pedra,
Vidro quebra mas concerta,
Já a pedra nunca muda,
Em hipótese alguma.

Sei que não faz sentido,
Mas pensando na vida
As pessoas só tem mentido
E faço uma pergunta
Será que depois de tudo isso
Juntará amor e ódio?
Sem compreender o presente
que está diferente.

Amar tem sua sorte e azar,
Mas tudo isso é besteira
Só falar de sofrimento e ter
Capacidade de discernimento.

Ketlyn de Almeida Pinheiro

MAGNÍFICA, PORÉM, PRESA

De braços abertos
Iluminada pelo luar
Dançando, pra lá e pra cá
Etérea ao meu olhar
Bela e perfeita
Sua voz a me chamar
É a liberdade que a seduz
A alma que já não pode habitar
Meu corpo, peso morto
Que a prende e a impede de voar

De noite, vagando
Em busca de um lar
Sonhos e motivos
Não há de faltar
Sendo ela mesma
O mundo volta a fascinar
Ela teme minha mente
Meu excesso de medo e pensar

Entendo seus anseios
E como ela, quero me libertar
Ser eu mesma
Só para variar

Deixo-a se afastar
Vejo-a se dissipando no ar
Então me afundo na escuridão
Sem ter como escapar

Lana Gabrielly Rodrigues Sampaio

O QUE SERÁ?

Sonhos e tormentos
Em meio aos pensamentos
Se der certo? Se der errado?
Quem será o culpado?
Quem me fez desistir?
Ou quem me animou a ir?

Se meu caminho
Sou eu que traço
Por que tem tanta gente a palpitar ?
Sendo que se eu cair
Ninguém me ajudará a levantar

Se minhas conquistas
São pura sorte
Por que lutei tanto pra conseguir?
E meus fracassos
Sempre apontados
Mas ninguém me viu desistir

Lana Gabrielly Rodrigues Sampaio

INSENSATEZ

Acho que esbarrei
em alguém ou em algo
Não sei dizer
Nem lembro de acontecer
Talvez imaginei?
Algo comum do meu ser
Talvez esqueci?
Isso eu vivo a fazer

Um cheiro agradável
Esta úmido, esta frio
Uma sensação memorável
A primeira gota cai
Para complementar esse trio
Chuva que vem
Para relembrar minha essência
Corpo que se prendeu
Em estado de inercia
Mente que vive
Em tanta divergência

Estou encharcada
Enlouquecida e machucada
Continuo intocada
pela sensatez que faz falta
Nem lembrava de estar viva
Achava que nela mandava
Só sou uma garota perdida
Em crise, no meio do nada

Lana Gabrielly Rodrigues Sampaio

MÁSCARA

Palavras tão vazias
Quanto o vácuo
O mais belo sorriso forçado
Que esconde mágoas passadas
Brincadeiras sem graça
Acompanhadas de uma irritante risada
Um belo conjunto
De felicidade tóxica
E ainda me pergunto
Quando me tornei tão falsa

Lana Gabrielly Rodrigues Sampaio

QUANDO PENSO EM VOCÊ

Quando penso em você, me lembro de todas
as maravilhas existentes no universo.

Lembro que você, é a razão de tudo que eu sempre gostei,
você é um pouco de cada maravilha do mundo.

Você está na música, na arte, no sol, no mar, na lua, na natureza,
na compaixão e empatia pelo próximo e na sede por justiça.

Você sempre foi e será minha inspiração e
força diária, eu te amo imensamente...

Feito e dedicado ao meu grande amor Beto Firmino

Luciane Peixinho de Souza

ALÉM DA MATÉRIA

Quem consegue enxergar além da matéria, enxerga
perfeitamente a essência da alma de cada ser.

Luciane Peixinho de Souza

SONHOS

Nascemos sonhando, crescemos sonhando.

Vivemos a vida inteira sonhando, lutando e realizando .

São os sonhos que dão sentido a nossa existência.

Sem eles não faz sentido viver, é preciso lutar com vigor e de corpo e alma por aquilo que faz o teu coração e alma gemer.

Não existem sonhos estranhos e impossíveis, o que existe são mundos e realidades diferentes, dentro de cada ser , por isso lute sem temer para o ser o melhor para você!

Luciane Peixinho de Souza

TRAFICANDO OS SUBÚRBIOS DA ALMA

O poeta é o traficante da liberdade, por isso eu amo traficar os subúrbios da minha alma, de uma maneira intensa e profunda.

Não existe liberdade e amor, sem antes se autoconhecer,
a verdadeira felicidade está nas coisas mais simples da
vida, talvez aquelas que para alguns boçais não seja
tão importante, quanto a ganância e soberba.

Traficar os subúrbios da alma não é para qualquer um, é
só para aqueles que reconhecem que ninguém é melhor
que ninguém, e que estamos neste planeta terra para
contribuir e somar de forma positiva na vida dos outros!

Isso é amor, e o amor é um sentimento profundo um encontro
de almas, ultrapassa qualquer padrão, o amor não é um status
social e muito menos uma carência afetiva, o amor verdadeiro
é como o tesão, move montanhas e ondas de telefone.

E a nossa onda de amor não há quem corte!

Luciane Peixinho de Souza

O MAR (DE MIM)

Hoje falei sobre você, mar!
Falei que te amo, mas morro de medo de ti.
Sua beleza e liberdade, bagunçam meu pensar.

Ah! Você vem brando, cheio de jeitos
Mas a qualquer toada do vento,
Fica grande, age por si e sem temperamentos.

Não te controlo e meu sofrimento recai
Por não pertencer a mim
O modo que vem e vai.

Disse também que gosto de sua imensidão,
Mas não me atrevo ir além
Do quente, do manso e do meu pé firme ao chão.

Ah! Mar!
Por você existe algo profundo
Que só se arriscando muito, é possível enxergar.

Tu me vês, me chama suavemente
Meus temores me seguram,
Resistindo a esta corrente.

Eu sei que consigo, tantos anos que te conheço
Sei que não irá me maltratar
Vai ser só um caldo, um breve recomeço.

Lucivaine Galan Saraiva

VIRANDO CARNIÇA

Cósmico.

A pele rasgada

os dentes

mordentes

sangrando

diluído líquido

evapora o umbigo

sal que agride

o sol assa

arde a carne e

a vista

O cérebro endurece

estorrica a saliva

embaixo da língua

Grito escondido

o medo

a morte

por um fio

Luiz D Salles

DEPRESSÃO

Em escuras solidões
Em perfeitas citações
Eu vim aqui falar
Eu vou te mostrar
Atrás das portas do arco-íris
Perfurando a íris
Bem lá no fundo
Corroendo tudo
Por onde passar
Até veneno sobrar
E não importa onde for
Ela sempre vai estar
Não importa o lugar
Sabe quem é ela?
Sabe não
Deixa eu te apresentar
Ela é a depressão
Ela tá do seu lado
Não importa onde for

Só basta acordar
O seu sono do terror
Bem vindo a família
Bela adormecida
Bora acordar
Para ela te atormentar
Mais uma vez
Para delirar vocês
Pirar sua mente
Consequentemente

Luiza Malicia Guerreiro de Mendonça

SE É QUE ME ENTENDE

As vezes você só precisa de um tempo pra pensar
Um espaço para analisar
E simplesmente ficar
Sem solução
Sem problemão
Sem espaço
Sem tempo
Sem vida
Sem batidas no coração
Sem sangue pulsando
Sem pulmões respirando
Sem receber impulsos nervosos
Se é que me entende
Preciso de um tempo com uma amiga
Só uma amiga
Uma antiga conhecida
Que já levou parte da minha família
Se é que me entende
Entende?

Luiza Malícia Guerreiro de Mendonça

HEROÍNAS DO SÉCULO XXI

Barriga chapada
Cabelos compridos
Corpo magro
E braços finos

Além de carregarmos inúmeros problemas
Criam novos pras nossas pequenas
Mulher sou e sempre serei
Com a dor de ter um útero convivere

“Um bicho que sangra todo mês não é de Deus”
Mas cuidado ao usar uma saia
Porque eu não consigo conter o pequeno Zeus
“Vai se cobrir sua pirralha!”

Engraçado né, sou obrigada a me cobrir
Sendo que são os garotos que não sabem como agir
Sou obrigada a emagrecer
Para assim ser aceita ao você me ver
Sou obrigada a sangrar
Lavar roupa, a louça, a trabalhar
Mas mesmo assim um salário menor receber
E nunca igualdade ter

Sou mulher sim
E a sua opinião nunca vai me mudar
Sai pra lá seu macho escroto
Vai estudar!

Luto pelos meus direitos de igualdade
E ainda assim mantenho minha classe
Posso até dizer que sou uma super heroína
Até mesmo quando uso meia fina
Na boca eu passo a linha
Sem poder nunca encurtar a minha roupa
Oh, vida louca!

Luiza Malicia Guerreiro de Mendonça

CONHECIDOS, AMIGOS, AMANTES, DESCONHECIDOS...

Tudo começou com um rosto conhecido
Não te conhecia
Mas o seu rosto eu reconhecia

Um simples abraço
E foi aí que eu pensei
Acho que me encontrei
Eu sei, parece loucura
Mas foi amor à primeira vista
e disso não tenho dúvida

Assim, por obra do destino, não sei
Você apareceu na minha vida
De um rosto conhecido
Tornou se um conhecido

Você começou a me chamar pelo meu nome
Passou um tempo e nos tornamos amigos
Com isso, você me chamou pelo meu apelido

E um dia, de repente
Meu amor platônico virou correspondente
E assim vc me chamou de amor
Naquele dia meu coração quase escapou

E, quando eu menos esperava
Você disse que não mais me amava
Quando percebi, vc já me chamava pelo meu nome
Agora, nem me chama mais
Mas que droga em , cara
Eu ainda te amo demais...

Luiza Malícia Guerreiro de Mendonça

BANDOLIM

Bandolim
Ribomboia e leva a minha saudade
Ao lugar com que sonha meu coração.
Em tuas ágeis e tão firmes cordas,
Faze ecoar o meu mais terno e profundo canto.

Bandolim,
No eco de tuas cordas,
Transporta o meu pensamento mais puro.
Que ele aporte em largas e mornas águas
E, nelas imerso, permaneça ali para sempre.

Bandolim,
Tu não sabes!
Mas quanta vida envolta em melancolia
e saudade regada de esperança
Suscitas em mim.

Teu canto singelo e tremente me faz chorar, voejar...
Colinas, montanhas e mares.
E antes que chegue a aurora,
Eu, sozinha, me perco no horizonte de minha memória
Em busca da resposta à minha saudade
Que tuas cordas levaram, BANDOLIM.

Magna Regina Dantas

SOU

Sou quem sou
Mas não sei quem sou.
Sou
Eu
Quem?
Sou...
Sentimentos, emoção
Razão, sonhos...
Decepções, alegrias,
Certezas, desejos.
Desejo de saber quem sou.
Sou quem busca saber, conhecer, descobrir
A essência de ser.
Busco o âmago da VIDA e somente aí saberei quem de fato sou.
Mas quando o desvelo se der já não serei.
Sou quem sou.

Magna Regina Dantas

LIBERDADE A ZÉ FILIPE

Preso num espaço mínimo,
Desesperado por sua liberdade,
Empoleira em cada canto,
Debate contra as grades.

Cansado, com olhar vazio,
Encolhe o corpo franzino,
Um lapso de calma
Contrário aos seus instintos.

Não é prisão temporária,
Tampouco é prisão preventiva.
O cárcere é legal,
A prisão é definitiva.

Apelamos por sua felicidade.
Deus tocou o proprietário,
Foi concedida liberdade incondicional
Ao semovente passarinho engaiolado!

Maicon Melito de Souza

POEMA DA FRANCA

Ao arredor da Três Colinas amenas
Ridentes Campos de Capim Mimoso
De Caiapós tomados pelas bandeiras
Dos Anhangueras do ciclo do ouro.

Belo Sertão do Rio Pardo de cenas
Do Pouso dos Bagres no corgo airoso
Do Cubatão ou do Itambé, que nas beiras
Torna a Freguesia da Franca tesouro.

A Villa Franca d'El Rey vence as penas,
Eis Villa do Imperador mui garboso,
Por suportar investidas mineiras
E se emancipa do apodo pelouro.

Bantos e outros que nestas terras plenas
Enriquecem este solo frondoso
São parte das memórias lisonjeiras
Da Franca também de tempo vindouro.

Maicon Melito de Souza



Correio elegante
recebe e visualiza
e logo responde

Maicon Melito de Souza

EM TEMPOS DE PANDEMIA

Teria sido na China,
Nas feiras de Wuhan,
O início da epidemia
Da doença Covid-19.

Em tempos de pandemia,
Não aguento esse clichê,
Live agora é jargão,
Novo coronavírus é verbete.

Nos Impérios dos Negacionistas
Distanciamento social pouco houve,
Alguns casos por necessidade,
A maioria por desaforo.

Enquanto não há vacina
Usar máscara é trivial.
Na corrida por respiradores
Todos querem auxílio emergencial.

Maicon Melito de Souza

PRECE

Quando passar para um outro lado,
Anseio andar pelas nuvens
E dançar solto na chuva
Ao ritmo de uma música clássica que ainda não foi composta,
Mas sei que tem a forma solta,
A mesma de um poema sujo.
Qual será o privilegio do espírito?
Ou , o da alma?
Se é que o tem.!

Desejo as épocas, com seu melhores,
Os vários lados,
Não somente um.
Afinal, não terei matéria,
Estarei livre e poderei pousar
Sem pendant nenhum,
Aparência nenhuma,
Pois isso não mais importa.
Nenhuma forma triunfal,
Além do bem e do mal.

Manoel Fernandes Sobrinho

TARDE DE MAIO

Não sou dos que murmuram flores;
Não sou dos que enganam o dia;
Não sou dos que morrem á
sombra fria!
Também não sou dos que reclamam dores.

Não conto estrelas cadentes
em amores;
Não guardo em mim
Apatia;
Não carrego em minh'alma
Galhardia;
Também não tenho apego
A valores.

Não sou dos que gastam
Favores;
Não desperdiço sonho
Em calma;ia;
Não sou dos que tem
Valentia;
Também não me curvo
A caçadores.

Mas dou, ao mesmo amor,
Amores;
Também dou o riso fácil
Que seria,
Do poema construído
Em poesia
E admiro no jardim
As belas flores.

Manoel Fernandes Sobrinho

POEMA MUNDANO

Componho o mundo na Palma da mão e o carregó
nas costas tudo de mim.
Sinto cansaço? Nego! Não nego! Sempre nego!
Meu mundo é vasto,
Mas nem tanto assim.
O pensamento me leva a lugares diversos, como
os que já conheci, muitos em vão.
Neles, queria apenas pensar e fazer versos,
Que pedem ser desagradáveis,
Porém intensos.
O que tenho no mundo,
Não tenho apego,
Penso muito, por isso viajo livre, enfim!
Busco o improvável,
Lugares imensos.
Particular meu mundo?
Digo que sim.
Criações sem valor?
Digo que não.
Pensar em nada?
Penso, não penso.

Manoel Fernandes Sobrinho

COMO SE FAZ UM POEMA?

Para Esther Proença

Poetisa, como se faz um poema?
Um poema, meu filho, se faz com pequenas coisas
Faça uma lista das coisas que gosta!
Observe as pequenas coisas do seu dia-a-dia

Poetisa, me conta, como se faz um poema?
Veja, meu filho, veja aquele homem na rua
Com sua vara acende os lampiões a gás
Os candeeiros alumando estas ruas de São Paulo, já molhadas pela garoa

Poetisa, me diga, como se faz um poema?
Ouça, meu filho, ouça
O traquear dos vermelhinhos mandados por Getúlio neste ano de 32
Que ora avoam por sobre a cidade, sem que os valentes gaviões
de penacho, dos bravos paulistas, qualquer coisa possam fazer

Poetisa, poetisa, como se faz um poema?
Cheire, meu filho, cheire
Sinta o perfume das laranjeiras nos pomares frescos da Nove de Julho
Sinta o cheiro do capim-cidreira naquela touceira aqui do sítio

Poetisa, poetisa, vovozinha, como se faz um poema?
Prove, meu filho, prove
Se esbalde com esta bela macarronada que mamãe preparou
Não tenha cerimônia, você é de casa!

Poetisa, poetisa, vovozinha, professora, como se faz um poema?
Me abrace, meu filho, me abrace
Sinta a minha ternura, toque a minha humanidade
Abrace a vida, meu filho, abrace a vida!
A poesia está nas pequenas coisas, a poesia está na vida.

Marcelo Graglia

DE CADA CANTO

De cada canto que havia
Saía um sussurro, uma agonia
De cada igreja que mofava
Uma reza, uma homilia

De cada trote, de cada rima
Da solidão que se escondia
Se fazia a bruma que banhava, de silêncio
Cada pedra que vestia aquelas ruas

E não pudera, pobre infeliz
Vagar impune à fantasia
De se cobrir de flores
De se matar de amores
De caminhar em saltos
De povoar em sonhos
Os jardins pequenos
Que nasciam em cada muro.

Marcelo Graglia

O VELHACO

O poema começava como uma espécie de deslembração, um olvido
Na penúria daquele quarto que era sua clausura
O papel, já velho, de tez amarelada
Se regalava com as letras, que eram o que sobrava de sua indigência

Naqueles tempos bicudos
Em que se vivia das mãos de Deus
A penúria não dava boa farinha
E em nada atinava com seu jeito farsudo

Pelas frestas da janela carcomida
Se ouviam as baforadas de ira
Que empestevam as ruas
Cheias de gente a viver na pindaíba

Mas o matuto escrevia, agourento
A vaticinar a sua profecia
Se esquecendo da sua própria miséria
De sua completa incapacidade de resolver a própria vida

E da sua misantropia transbordavam palavras
de ressentimento e de ódio
E, assim, ele comia-se de raiva
Enquanto chispava impropérios
Em plena Sexta-Feira Santa

Marcelo Graglia

SAUDADE DO POETA III

Em memória do poeta paulistano Alberto Gattoni

Alberto, decididamente, não era um sujeito fácil.

Se contrariado, mandava logo um Manuel

Bandeira e, de peito estufado, trinava:

- Nada como um modernista para quem não
gosta de levar desaforo para casa!

Alberto era valentão, não há dúvida.

Se chamado para a briga... cruzes... não

tinha meio termo, era violento:

Sacava ligeiro um Drummond e mandava ver...só pena que avoava...

Alberto não tinha compaixão, ah, Alberto!

Quando desafiado numa querela, afiava sua Lispector

e não havia Clarisse que pudesse contê-lo.

E nem Cecília e nem Meireles.

Mas, diga-se a verdade, Alberto era um romântico.

Colecionava Bilacs e Vinicius, aos montes. Regava todos os dias.

E sempre que sua paixão por ele passava,

Alberto Cora, Coralina, Corava.

Marcelo Graglia

TEMPO DA VIDA

Quando eu chegar,
Quando tu existires,
Quando ele partir...
Nós tempo seremos.

E a vida acontecerá...
Pelas esquinas disformes das estações,
Pelos anos displicentes que já se passaram,
Pelos anos escassos que ainda nos restam,
Pelos caminhos íngremes e tortuosos à frente,
Pelo desalento diante da pandemia insistente,
Pela marcha incansável do ser.

E a vida se espalhará...
Pelos campos floridos a desabrochar,
Pela relva úmida a cada amanhecer,
Pela natureza verdejante a pulsar,
Pelo abraço amigo a acarinhar,
Pelas estrelas e a lua a brilhar,
Pela suave brisa do tempo a soprar...

E a vida compensará...
Pelos sonhos, tão sonhados, realizados;
Pelas glórias, tão esperadas, alcançadas;
Pelo doce, tão doce, sabor do aprendizado;
Pelos encontros, tão ternos, no caminho do amor;
Pela cura, tão desejada, do corpo e da alma;
Pelas histórias, tão nossas, gravadas no eterno.

E assim, pela vida nós passaremos...

Maria Assunção Montañés Jovellar

O POETA E SEU BLOQUEIO CRIATIVO

Não saber ser.
Só, sendo ele com ele, ou ninguém com ninguém.
O poeta só é o que é, quando sendo, cria seres.

Maria Fernanda Varize Malvestiti

UTOPIA

Apesar do olhar vazio, me sinto cheia...
Cheia de emoções, de ideias
Que teimam, que insistem, que rondam meu ser.
Sou tempestade, sou luz, imensidão
Minha mente a milhão, não se decide...
Afinal, sou noite ou dia?

Prefiro pensar que sou
uma tarde quente de outono
Onde meus pensamentos fluem...
Pensamentos plurais,
Estou em inúmeros lugares,
Sou fluidez, sou vento...
Sou várias em meu pensamento.

E, assim como as ondas do mar,
Vivo um desassossego constante,
Queria deixar apenas o vento me levar
Quero a utopia, a possibilidade
Quero me desprender das crenças
De tudo que paralisa
De tudo que me impede
De sonhar.

Maria Lucivânia Alves Maia

VÂNIA

seu filho está
vivo?
as duas linhas
arroxeadas
embaixo do teus
Olhos me disseram
Não
sobre(viveu)
a pele preta
desapareceu
foi sepultada embaixo
das tuas pálpebras
corpos de mãe
que vestem Culpas
você me disse
até o arroz
ele vendeu
para sumir
atrás da pedra
virar pó
e existir
agora como número.

Mariana Sato dos Reis

DESOBRIGAÇÕES

não dar nomes as coisas

mas tentar:
criar palavras para
descrever o deitar do sol no rio

imaginar o que as maritacas fazem
no topo das árvores
quando se encontram alvoroçando a
linguagem

enxergar o rio pingando no céu
e fazendo das nuvens
relvas

contar as libélulas que pairam
no tempo
perceber que suas asas
são douradas
talvez roxas

desconfiar que o horizonte
termine em algum lugar

desenhar um poema
de (in)finitude

imaginar que
na verdade tudo isso
está no ponto convexo das
descrições

permanecer no
inverso.

Mariana Sato dos Reis

os olhos
do Trabalhador
de esgueio
transpirados
raivosos
me olharam
Estado
que estou
pelas vias
la Lei
seus olhos
nos meus olhos
não vou
esquecer
o Medo
da fome.

Mariana Sato dos Reis

I-AURA

Que luzes são essas,
que refletem de ti?
Refletem das frestas,
de teu coração.
Resplandecem em teus dias,
Brilham na noite,
Vê-se ao longe, o brilho da luz,
Absorve, transpassa,
vibra,
Com intensidade tamanha,
Que aos olhos de quem vê,
Ofusca!
De quem é cego!
Percebe-a!
Que luz é essa?
Que luz!

2-ORVALHO

Serena a alma que se deleita,
Com a pureza do orvalho da saudade,
Pétalas que se desprendem,
Com pequenas gotas,
Libertando-se ao vento.
Perfumes intensos
Com que percebe a existência,
Fica indelével, suave.
Como se pura fosse.
Soberano,
Livre e sensível.
Este é o sentimento da alma,
De que sutil é a natureza.

LEMBRO

Eu ainda me lembro das partidas
De futebol em nossas avenidas
E lembro das cantigas
Ambições desmedidas
Eu me lembro,
Sentado no muro da minha vida
Lembro-me daquela batalha perdida
Ainda me lembro
Daquele primeiro beijo
Daquela sensação no início, foi o meu melhor segredo
Eu me lembro da Martinha
A babysister(babá) sem calcinha
Eu me lembro,
Do apoio dos meus amigos de verdade
Após atravessar a ponte da criminalidade
Eu me lembro do fardo da minha bagagem
Deitado na sauna hidromassagem
Eu me lembro,
Daquela indiferença
No meio da multidão me sentindo só, daquela ausência
Eu me lembro,
Lembro também da correria
Logo que inicia o dia
Eu preocupado com o pão de cada dia
Eu me lembro,
Na varanda com a mão no queixo,
Foi numa festa de Dezembro
Que melhor driblei e fiz o cesto
Ainda me lembro,
Mas não guardo mágoas
Cada gota da lágrima
Escor e desagua no meu próprio mar de lástimas
Eu me lembro na montanha tipo monge
A meditar bem longe
Ainda me lembro...

Melo Domingos Munguambe

SINTO MUITO

Sinto muito...
Sinto ódio, rancor
Tédio, pavor do brilho de uma flor
Medo da dor,
Do prazer do verdadeiro amor
Eu sinto o fardo dos oprimidos
Os bastardos, os excluídos
Mas também sinto alguma angústia
Algumas dúvidas,
Será que a paz vai bater em minha porta?
Será que as barragens da vida trazem comportas?
Sinto muito,
Sinto o fim do mundo
Sinto o peso do submundo
Eu sinto muito,
Sinto o escuro do cego
O silêncio do surdo
Quieto como se eu fosse mudo
Irmão, sinto muito...
Sinto pela perda dos nossos heróis
Sentado na praça dos heróis
Eu sinto muito,
São sentimentos do tipo tormentos
Fundamentos sentidos sobre os meus sentidos
Sinto muito...
Na verdade,
Eu sinto que na verdade,
Fundamentalmente não sinto nada
Sinto um vazio literalmente nadando em nada
No panorama da minha existência
Dentro da conferência
Entre a lógica e a minha consciência
Há também abundância de violência
Desculpe, eu sinto muito!...

Melo Domingos Munguambe

SONHAR

É um sonho...
Voltar no tempo recuar,
Saber escolher os verdadeiros amigos e com eles partilhar
Os melhores momentos e depois viajar
Para um lugar onde ninguém possa me encontrar
Procriar e depois voltar
É um sonho,
Aterrar nos States na cidade dos sonhos New York
Assinar um contrato ter um work
Graças a um hit com a Beyoncé
Ter o meu próprio onze
No game internacional
A representar o puro rap nacional
É um sonho,
Nas ruas do Brooklin a improvisar
Com o Buckshot e o P, e na Def Jam escalar
Impossível de acreditar
Eu num jantar ao lado do Obama a me paparicar
É um sonho,
Não esquecer das minhas raízes atuar em Páris
No topo da Torfel, a causar-te vertizes
Com uma mensagem profunda sarrando cicatrizes
É um sonho
Criar a minha própria história
No tempo e no espaço com aquela trajetória

continuação

Do r.a.p da glória ao lado da vitória
Estimulo a memória,
Transação de palavras na minha caximónia
É um sonho,
No meio de uma grande multidão
Me expressando com emoção
Com microfone na mão
Pela revolução
É um sonho
Duvido, que seja realidade
Eu longe das grandes
No terraço da felicidade
Refrescando-me com a brisa da liberdade
É um sonho...
Deitado na esteira
Vejo Samora e Mandela
Com marcas de guerra
Salvando a nossa terra(ÁFRICA)
É um sonho
Juro, não é um pesadelo
Vejo um anjo com isqueiro
Iluminando-me com zelo
É um sonho...!

Melo Domingos Munguambe

FANTASIA DIVINA

Pessoal, pessoal
Se eu fosse Deus por um dia?
Ou se tu, fosses Deus por um dia?
O quê que tu farias?
Eu faria desaparecer a mentira
Transformaria a maldição em benção,
Haveria no mundo apenas única raça
E não haveria indiferença,
O amor multiplicava-se a cada nascimento de uma criança
Todos convictos na mesma crença,
Se eu fosse Deus por um dia?
Ou se tu, fosses Deus por um dia?
O quê que tu Farias?
Há dias, perguntei ao Tio Fénias
E ele só me respondeu dizendo: oh meu rapaz
eu já não me apego a fantasias
O mundo não é feito de poesias
Se eu fosse Deus por um dia?...

Melo Domingos Munguambe

ÚNICOS

Somos um só
Nós os dois um só,
Enrolados no nosso amor tipo um nó
Somos um só, um só corpo
Um só sentimento
Um só comprometimento
Um só livramento
Somos um só,
Eu sou você, tu es eu
A nossa cumplicidade é do tipo Julieta e Romeu
Es poesia, eu harmonia
Música, eu melodia
Alegria em dicotomia
Somos um só
É estranho porque apenas nos conhecemos a meses
Mas os nossos pensamentos são gêmeos siameses
As vezes,
Viajamos juntos
Voamos juntos
Somos um só,
Entre nós não há lutas
Quando te espalhas eu te junto
E quando me espalho tu juntas
Sem sombra de dúvidas

continuação

Somos um só
Vejo no nosso eixo, duas pessoas com a mesma alma,
O meu é o teu desejo, é mesma a chama
Com aroma da fumaça que nos chama
Com, ou sem aquela nossa cama
Somos um só,
Reflexo do verdadeiro amor
Nexo no sentido do mesmo amor
Raiz da mesma flor
Prazer da mesma dor
Numa só estrutura
Numa só figura,
Numa só ternura
Numa só bravura,
Somos um só...

Melo Domingos Munguambe

DUALIDADES

Há choro e riso	Há morte e vida
louvores e dores	lucidez e alienação
um mantra ou uma prece	uma esperança e um
desistir	um não e um desejo.
Ninguém passa	
pela vida sem dualidades sem cicatrizes fundas e fulgazes	
Bjos meus !	Neide Ponzoni

Neide Ponzoni

VISTA-SE DE MIM

Vista-se de mim... Percorre meu corpo com meus lábios nus
Com o teus beijos,
Percorre a minha pele tecendo
as tuas mãos em cada recanto do meu corpo
Desliza no meu íntimo
Invadindo os meus segredos,
Neles guardarei um pedaço de ti
No meu íntimo ainda há por revelar...
Adormece em meu sonhar
Sentindo o líquido do meu corpo
Percorre meu corpo com o marrom dos teus olhos
Soletro versos esquecidos
Na penumbra do teu sentir
Deito o meu corpo nu
Nesta espera infinita da sua vinda !

Neide Ponzoni
Bjos meus.

BUSCA

A leveza da vida parece pesada
A alegria da vida parece triste
A graça da vida parece séria. A
doçura da vida parece amarga
O riso da vida parece rancor
O amor da vida parece solidão.
O que fazer então?
Buscar dias de paz...
É, aquela paz simples, despachada, preguiçosa...
A paz dos dias cansados, encurvados pelas cargas da vida,
Dos que tem sempre os pés doloridos da caminhada.
Bjos meus .

Neide Ponzoni

SONHOS AMEAÇADOS

Crianças que veem
Seus sonhos ameaçados
Por uma sociedade abutre

A mesma sociedade
Que é informada
Dos seus direitos
Mas opta por satisfazer
Os desejos próprios
E se esquece de pensar
Nos desejos dos lesados

País, mães, avós, tios, irmãos,
Por mais que não sejam de sangue
Oh!oh! Que abutres
São esses, esses, que ameaçam,
Os sonhos das ditas
Flores que nunca murcham
São esses que fazem
Com que essas flores murchem

São esses que brutalmente
Tiram a inocência
Das nossas flores
Que não deviam murchar,
Mas murcham

continuação

São , são esses abutres,
Abutres que devoram
Os sonhos das nossas flores
Forçando-as a irem no lar,
Forçando-as a trabalharem
Como escrevas,
Levando-se para o trabalho infantil

São esses que levam
As nossas flores
À exploração sexual

Esse abutres, esses!
Esses abutres
Que cortam as asas
Das nossas flores
Impedindo-as de voarem
Privando-as de sonharem

Ahh!! Ah! Sonhos ameaçados
Ameaçados dão os sonhos
Das nossas flores
Que não deviam murchar
Mas estão murchando.
Murchando estão
E com elas o mundo também

A swilo swa misava

Norlêncio Afonso Novela

O QUE É SER INFELIZ ??

Ser infeliz
É pensar sem querer
Saber sem querer
E não saber
Aplicar o conhecimento

Ser infeliz
É querer e não poder ter
É poder ter e não querer
É sentir sem querer
E não saber
Gerenciar o sentimento

Ah! Ser infeliz!
É ter e não saber partilhar
É poder ajudar e não saber
É sim, sonhar e não poder realizar

Ser infeliz é olhar ao seu redor
E a vontade é uma
Sorrir e pensar que está feliz
Mesmo não estando

continuação

É sim ser infeliz
Olhar ao seu redor
Ver sorrisos de felicidade
Sendo que você só pode
Oferecer sorrisos de disfarce
Porque não quer que vejam
A tristeza que assola o seu coração

Ser infeliz é olhar ao seu redor
Sim ao seu redor
E ver necessitados e você podendo
Sim podendo ajudar e não ajudar

Ser infeliz é sim
É abraçar a ganância carnal
E não alcançar a abundância espiritual

A swilo swa misava

Norlêncio Afonso Novela

ORAÇÃO DE UM PECADOR

Pai nosso escute
A minha oração

Pai! Desde a minha nascência
A minha vida repleta
Está de turbulência
Mas na tua graça
Tenho na minha consciência
Que a minha vida
Seria uma desgraça
Sem a tua benevolência

O coração muito dói-me pai
O coração muito dói-me
Por saber que muito pequei
E infelizmente pouco a ti busquei

Peço perdão pai
Peço perdão
Pelos os meus pecados
E que não faças menção
De toda a minha transgressão

Pois tenho dentro de mim
Uma alma que muito clama
Que a tua palma
Sobre a minha vida
Continue estendida

Oh pai! Nessa triste e curta caminhada
Nessa triste e curta caminhada
Que é a vida
A imundice a mim persegue

continua

continuação

Mas na tua graça
Não me consegue
Porque de perseverança
O meu coração repleto está
E de gratidão o meu cálice transborda

E a ti agradeço
Pois não mereço
Mas tenho

Mesmo não merecendo
Tenho o teu infinito
E ousado amor
Mesmo que o mundo
Só me transmita dor

E o teu amor pai
O teu amor
É o que faz-me insistir
Em persistir, para não desistir
De existir, e deixar fluir em mim
O teu existir

Que o mundo se ajoelhe a ti
E que a tua graça resplandeça
Com a tua presença
Que a esperança exalte a tua força
E que ela cresça
Nesse mundo cheio de crenças

Oh pai! Escute a minha humilde oração
Pois ela vem de todo o meu coração

Norlêncio Afonso Novela

EM PRIMAVERA RENEGADA

Vivia em lápis e caderno
Perdida em devaneio.
Em verso, em estrofe
Nas primaveras e seus restos.

Em meia-noite escrita por homem
De cunho estrelado
Vive a ansiedade alheia
Que treme; frio ou calor qualquer
Que chora; plenitude ou tristeza atrofiada.
Dentre as sete noites terrestres
Tornei-às todas minha bagunça, sozinha.

A calamidade do inverno
Me trancou em pensamentos
Pele alguma era pura
Suja, suja e suja.
Dormi em medo
Sem coração nem desfecho.
Acordava em angústia
Me afastei das rimas.

continuação

Tornei-me amargor
A cabeça era sempre vazia
Sem futuro, sem ambições
Não tinha esperança no fim do dia
Mas nunca deixava de pensar em quartos brancos.
Me esgotei: nunca deixei aparentar
Me odiei: nunca deixei cicatrizar
E era segredo.

Mas a vida se remontou em
Poemas: verso por verso
Estrofes em completo
Era falha, mas era poesia.
Em primavera renegada, me deixei florir
Esquecido por mim
O sentimento de se encontrar à beira do mundo.
Me deixei levar, e perdi

Escrevi em papel velho, amassado
Recuperei a cor que fora resistida.
Esvaziei o peito
Suspirei como brisa
Em meio a vida perdida
Me achei em ventos adentro.

Olivia Feitosa Aguerre

INOCENTE

Tenho um rosto
sou sete faces
como gato
caço rato e vivo em sapato.
Vivi pouco
passei por bocados
vivi pouco, e
teria vivido menos ainda
caso o vento voltasse a norte.
Dentre veias e artérias
sou sangue puro
dos guerreiros de família
Mas sangue puro é sangue velho
E sou inocente, corpo discente que não faz em esmero.
Em músculos fortes
sou coração fraco.
Mas caso queira um petisco
saiba que não sou quem gostaria
matutei; roubei tempo do sono
e sofri em devaneio
tentando descobrir
quem preferiria de ser
Pois poeira voa em ventos certos
e eu sobrevoa boatos alheios.

Olivia Feitosa Aguerre

PEDESTRE NO CAMINHO FADIGADO

Pedestre no caminho fadigado
Me sinto na infeliz escravidão
Perdido na profunda negridão
Padeço na clausura do pecado

Virgílio na presença iluminado
Promete me levar no galardão
Em busca do milagre do perdão
Garante acabarei que consolado

Perante a soberana majestade
Confesso e o resultado a remissão
Os erros do caminho a supressão
Em suma permanece a caridade

Agora vislumbrar eternidade
Virgílio revelastes a missão

Patrick Allan José Zapata

VAIDADE PROCEDER SEM HUMILDADE

Vaidade proceder sem humildade

A vida desvaidosa valorosa

A vida desvaidosa valiosa

Vaidade das vaidades needade

Vaidade das vaidades veleidade

A vida desvaidosa valiosa

A vida desvaidosa virtuosa

Vaidade das vaidades vanidade

Buscar caliginoso cabedal

Pensando na possível proteção

Engano da vaidade lodoçal

Procura descolar o coração

Deixando o passageiro o temporal

Propenda a permanente salvação

Patrick Allan José Zapata

E VÓS NOS PERDOASTES DOS PECADOS

E Vós nos perdoastes dos pecados
E fostes verdadeiro Salvador
Aquele que medica pecador
Agora com os passos norteados

Outrora percorremos afastados
Vencestes o que é sabotador
Vencestes o traiçoeiro tentador
Fizestes corações glorificados

Enquanto o Salvador nós acudia
O nosso contendor aniquilado
A nossa salvação contrataria

Com sangue provedor crucificado
Com tudo por função da rebeldia
Outrora do pecado consumado

Patrick Allan José Zapata

EM FOME SERVIRAM O SALVADOR

Em fome serviram o Salvador
E quão tribulações que tiveram
E quão tribulações que tolheram
Em sede serviram o curador

Apóstolos de Cristo o pregador
E mártires de Cristo morreram
E quantos seguidores sofreram
E santos no deserto provador

Que venha sofrimento repressões
Espero no senhor a salvação
Estamos no caminho em procissões

Seguindo a direção da redenção
Se falho reconheço em confissões
E firme permaneço na oração

Patrick Allan José Zapata

RESTOS DE UMA PANDEMIA

Não vejo motivo pra justificar a sua partida,
Não quero entender o porquê dessa dor lacerando a ferida.
A vida mostrando que temos apenas um dia por vez,
Que temos que ter a certeza que pode chegar a nossa vez,
Iremos embora e tudo o que fica são boas lembranças,
De quando sonhava com a vida melhor parecendo criança.
Seu jeito sensível demais pra esse mundo te fez ir embora,
Sua vida pequena, porém bem vivida marcou minha história.
Não somos pequenos nem somos só isso, você me ensinou.
Com grandes debates falava da força que emana do amor,
Você me mostrou um olhar sobre o outro que eu nunca teria,
Me ensinou que é possível viver mesmo tendo uma angústia por dia.
Que posso escolher ser alguém neste mundo que faz diferença,
Alguém que inspira a bondade sem nunca esperar recompensa.
Esse é você que se foi e que espero encontrar qualquer dia,
Em um mundo que esteja em paz e de acordo com a sua alegria.

Paulo Sergio Da Silva

POEMA PARA MEU FILHO ANTONIO, NA VÉSPERA DE COMPLETAR SEUS 16 ANOS

15 anos é uma estrada nova, uma calça
surrada, um cachimbo ou uma boina.
15 anos, com ou sem pandemia, é espera,
expectativa, possíveis quimeras, “experianças”
É vivência, experimentação, novidade, lentidão, tardança...
É bom demais, melhor ainda se não for sério demais...
Para você foi crescimento, sustança, continuidade e temperança,
Tempo bem ganho, bem aproveitado, mudança
Um prisma projetando cores para todo quanto é lado
ps: 16 é muito bom também, viu?

Pedro Aguerre

MODERNIDADES

padeço da falta de tempo
ou acostumei-me a dizer que não o tenho?
em meio a obrigações
e tolices cotidianas
deixo escapar poemas
que nunca mais nascerão
uma ideia perdida
não volta
é poeira na ventania
faço listas, pixs, transferências e pago boletos
conto dinheiro
e às vezes esqueço de respirar
então invento pausas
para dizer
que o poema cabe no tempo
sem poesia, a vida se perde

Raiza Barros de Figuerêdo

CULTURA VIVE , ARTE RESISTE!

Rasta vem avisar
favela unida Babilônia cairá
Hip Hop cultura a resgatar.
Cultura vive
Arte resiste
Sou hip Hop
Sou Guerrilheiro
Sou gangueiro
Sou também seu pesadelo
Na quebrada vou na fé
Levando meu axé
Rap é compromisso
Já dizia Sabotage
Sou AntSistema
Mandando minha mensagem.
Meu sangue ferve
Estou aqui para abalar
As estruturas do sistema
Não represento seu partido
Sua bandeira
Sou chama ardente
Queimando seu preconceito
Sou insurgente
Sou o monstro que o teu egosistema criou .
Sou rebelde armado até os dentes com mensagem Consciente

continuação

Meu Microfone terrorista
É arma de combatente
Sou revolução
Black Panthers da nação.
Liberdade de expressão
Papel e caneta na mão
Tem o peso do fuzil
Vou explodir sua intolerância,
sua ganância.
Pra elite vou de Bang Bang
Tô na febre
Tô no jogo
Taco fogo
Sou quilombo
Sou palmares
Sou o povo que sofre
Sem justiça,
Saúde e educação
Sou poeta ritmo bélico
Pra cima dos senhores da nação
Sou Hip Hop resistência
Saudando todos irmãos
Glorifico a memória dos que lutam
Dos tombados no fronte fazendo revolução
Saúdo a todos que fazem ocupação levando arte e informação.

Richard Joaquim Filho

INFERNO ASTRAL

Sonhei que estava vacinada
Corria livre pela rua
Só eu que estava imunizada
E era eu que acendia a lua

Tinham me dado esse poder
De fazê-la cheia ou minguante
Eu esperava o anoitecer
Pra deixar o breu cintilante

Mas mesmo com o céu bem aceso
A cidade estava vazia
Passei a sentir todo o peso
Das noites e da astrologia

Tentei abrir mão do meu posto
Ninguém na cidade queria
O cansaço estava em meu rosto
Nem mesmo escrever conseguia

E assim, numa noite esquisita
Não fui! Deixei todos no escuro...
E uma voz (pareceu bem aflita)
Veio me chamar pelo muro

Não vou! Respondi, decidida.
“- Só vim pra saber se está bem
Senti falta da luz, da vida
Que a tua energia contém.
Sem medo da noite ou do escuro
Queria saber só de mim
Cedi, sem pensar no futuro
Ou no meu passado sem fim

Do vírus, sabia o segredo
Voltei a escrever, fiz um verso
Nós dois nos beijamos sem medo
E a lua acendeu pro universo

Rita de Cassia Mesquita Taliba

O CORPO

O corpo é só um corpo
O corpo não é amor
Aceitar que é assim e pronto
Aceitar e saber onde pôr:

Onde pôr o corpo que não tem mais vida,
Onde pôr a vida que não tem amor.
Onde pôr o amor que o corpo convida,
Quando ganha corpo a dúvida, senhor?

Rita de Cassia Mesquita Taliba

ESTRANHAMENTO

Estranho, quando amanhece,
O estalo do meu joelho.
Como se eu nada soubesse,
Me estranho, também, no espelho.

Estranho acabar o dia,
Como se tudo existisse.
Penso que a vida é tardia:
Sou o coelho da Alice!

Estranho quem reconheço,
Nas fotos e nas mensagens.
Estranho um novo começo
Com os mesmos personagens.

Estranho a palavra doce:
Chega-me como um zumbido!
(Estranho, como se fosse,
Tudo o que eu já tinha ouvido).

Rita de Cassia Mesquita Taliba

À SOMBRA DOS CICLOS

vultos à volta
movem-se lentamente
feito lembranças
de um tempo ardiloso

o espelho prende à parede
translúcida realidade -
anverso das manchas de aço
no impressionismo da face

em vestes esvoaçantes
(à moda dinâmica dos fantasmas)
cortinas balançam o vento

revolvem poeira
sobre o soalho de pedra
que atravessa corredores
da casa ancestral

estiagem que anuncia
finitude de estações
nesse acúmulo de setembros

Sidnei Olívio

SIGNOS DE PASSAGEM

a tarde se estende
feito um rio canalizado
em avenidas perdidas.

corredores que emendam
esquinas, refúgios,
amores vãos,

verbos tecidos em lençóis
de hotéis baratos.
anseios mal intencionados,

carregam imensa questão:
aqui estamos ainda
incertos do que será -

manter a forma
ou primar a rima?
faço as pazes com a dúvida.

deixemos tudo no chão,
esse acúmulo de luas
e palavras infames.

continuação

versos repetidos
habitando nossa boca
como uma memória sem ruído.

sentença de existir
para entender o possível:
transformar arte em lugar.

quadro que sustente
o corpo desvestido
de rosto ou nome.

DNA da saliva presa
numa xícara de café
ou na tampa da caneta.

quem sabe de nós
imersos na cidade
a ouvir oráculo das runas?

no futuro da hora
pisamos sobre as coisas
que já não cabem no mundo.

Sidnei Olivio

COISAS DE CRIANÇA

Tentativas frustradas de retirar o anel
do dedo arroxeadado
A menina
e sua arte silenciosa
Mãe e crianças assustadas
sabão e novas tentativas
decepção
impotentes socorristas domésticos
desespero
Até que...
o hiperativo teve uma ideia
alicate de unha
corte do anel
- a solução -
Anel cortado
problema resolvido
dedo recuperado
Sustos normais

Sonia Salim

FÊNIX

Enxuguei as lágrimas, vesti uma roupa ousada
ajeitei os cabelos, passei o batom
colori e alegrei a face marcada
Saí a viver como se nada estivesse acontecendo

Antes disso eu chorei e sofri demais!
Joguei minhas roupas no chão, uma a uma
A minha angústia e meu corpo
não vibram com a aceitação
sofrimentos e anseios
Coração dolorido
A impotência diante das ações
eu quero mudar e não consigo
esta é a minha triste melodia

Milhões de pessoas vivem assim
E precisam saber deste relato
o marco inicial da transformação
de uma mudança lenta e gradativa

Eu, nua diante da vida e de todos
sentimentos expostos
caída no chão

Fênix no renascer das cinzas
para a vida

Sonia Salim

VIDA EM RUÍNAS

Um homem revirando o lixo
A fábrica funcionando a todo vapor
Ruas quase vazias
Policiais fazendo a ronda
Postos de gasolina funcionando
Observei cada detalhe
e alguns perderam a nitidez
no momento em que organizei as palavras
Poucos usam máscaras
Impasse entre a doença e as vacinas
O ar puro no momento é vital
É a caminhada mais longa da minha vida
à procura de mim mesma debaixo do sol
como algo natural
Rejeito a ideia de voltar para casa
continuo experimentando a paz
a força de sustentação
Carros e motos transitam e há poucas pessoas nas ruas
Pássaros cantam nas árvores
eu aproveito um pouco da sombra
e respiro
Um momento acolhedor
de uma caminhada essencial
Observo uma família no espaço de lazer
e fico imaginado se são felizes
Sinto o sol no contato da minha pele
e busco a vida incessantemente
Alguém me cumprimenta com um sorriso
mas eu me sinto sozinha
caminhando ao sol do meio-dia
refletindo sobre o inexplicável
Pouco importa se isto é poesia
ou uma dura realidade
A cidade está silenciosa
Hora de retornar
encarar os problemas
uma construção em ruínas
a restaurar

Sonia Salim

REBELDIA

Um coração rebelde
não se contenta com o óbvio
quer sempre mais
Volta quando todos estão indo
segue o sentido contrário
Olha de frente
encara o tempo
foge do usual
Esgota-se em reflexões
recusa-se a ir junto
habita na confusão de pensamentos
na rebeldia
Nasce assim, vem de berço
Ele tenta mudar... e como tenta!
mas não consegue
é mesmo um coração rebelde

Sonia Salim

PONTUAÇÕES SOBRE O TRISTE MUNDO DO SONHO INFANTIL

A sirene tocou às 18;
Era hora do sono do bicho papão;
O farol acendeu e as crianças brincaram, pensando
que seus sonhos não seriam atormentados;
Às 22 ele acordou;
O farol foi pra encontrar o caminho, não espantar os pesadelos.

Thales do Nascimento Cirico

LEIO PALAVRAS DE AMOR, SOZINHO NUMA SEXTA-FEIRA

Leio palavras de amor
Sozinho, numa sexta
Tomado pelo horror
Da vida raza,
A profundeza também
Me assusta,
As pessoas,
A natureza,
Deus,
O diabo
E o universo.

Por isso tento ao menos
Escrever uns versos,
Que fujam das normas
Como este lugar, perdeu
O rumo,
Agora mesmo ouço tiros,
Balas voam pelo ar,
Em busca de peitos magros
De fome,
Sem nome,
Mais um lugar vago.

Como o ser se ilumina,
Sob à sombra da vida,
Ou o risco da morte?
Ou chama vida,
O que foi mantido
Até agora
Por pura sorte?

Eu, não sei
Se você que me lê
Acaso saiba,
Faça.

continua

continuação

Não perca tempo
Com respostas,
Apostas,
Tormentos.
Pois a vida é isso mesmo,
Apenas um momento
Ora sereno, Ora caótico
Uma dança sem fim,
Que a Tudo gera,
Você,
Aquele cachorro leproso,
O peixe que nada tranquilo
No mar, sem saber
Que será fígado em instantes.
O bandido,
O presidente,
O militar
E a ameba
Que voa livre pelo ar,
Em busca
De um ser pensante.

Tudo em absoluto
Provêm da dança
Desses momentos
De tiros e silêncios,
De cosmos e caos,
De amor e tormentos,

Veja, o pensamento
É energia pulsante
E nem só por um
Instante deixa,
De desenhar
A vida,
Mesmo que sofrida,
Mesmo extravagante.

Wellington Decot calcagno

MENSAGEIRO DO CAOS

O poeta é o mensageiro
Do caos.
A marreta que rasga
A face da existência
Com suas caras feias
Da morte e decomposição
Da fome e da escuridão
Do corpo e da alma
Arrebenta as paredes
Dessa realidade torpe
Onde um louco
Domina as mentes
De milhares
E os ventríloquos do poder
Puxam as cordas de multidões
O poeta é o mensageiro Do caos
O sátiro louco
O Dionísio que passeia
No campo da metafísica
É Prometeu com a pira sagrada
Que volta para incendiar o mundo.

Wellington Decot calcagno